

*Irmãos de Sangue  
e de lutas*



Agostinho Both

Este pequeno livro de Agostinho Both traduz sentimentos em relação a seus irmãos e irmãs. Sete! Não se busca nenhuma apologia familiar. Meus sobrinhos e irmãos contribuíram para retratar a melhor fisionomia humana da família. Dizem que envelhecer é tornar-se parecido com os pais. De fato, confirmo esta opinião. Me vejo refletindo, por vezes, o perfil austero de meu pai. Me veio, com força, a trajetória humana e severa de sua vida. Elogio, então, meus pais nas figuras de meus irmãos.

Quando escrevia os dois primeiros capítulos, não tinha ainda destino certo. Então pensei, a minha casa de origem, pelas mãos fortes de Júlio e Genoveva, é um exemplo vivo de uma educação voltada para criar gente de bem. Tínhamos princípios educacionais, os quais nos deixaram humanizados. Segundo os dois primeiros capítulos, parece importante fazer de tudo para gerar um ser humano confiável.

Agostinho Both

Irmãos de sangue e de lutas



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Passo Fundo  
2014



Agostinho Both

Irmãos de sangue e de lutas

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite: [creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie um cartão para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 29/11/2014

---

B749i Both, Agostinho

Irmãos de sangue e de lutas [recurso eletrônico] /  
Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,  
2014.

110 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-8326-127-8

Publicação também disponibilizada como E-book  
(formato PDF).

1. Família – Aspectos sociais. 2. Usos e costumes.
3. Migração – Rio Grande do Sul – História. I. Título.

CDU: 929.52

---

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo I	9
Capítulo II	21
Capítulo III	31
Aproximando Textos	109







## INTRODUÇÃO

Este livro foi criado para pensar e provocar vínculos ainda maiores na minha família de origem, ao mesmo tempo em que reflete a vida de todos e suas complexidades. A segunda intenção diz respeito ao conhecimento dos netos em torno da família, ampliando o sentido de identidade familiar. Escrevo, particularmente, para Solange, para Fernanda e para Tatiana, bem como aos netos Henrique e Lorena, sem esquecer a minha sogra Nina.

As quatro partes do texto se associam, mas podem ser lidas separadamente. O escrito tem por finalidade mostrar a grandeza e as dificuldades de minha casa e de minha comunidade. Quem olhar poderá dizer não ter visto nada de grandioso. É isto, mesmo parecendo pequenos ou grandes os limites, expressam a bondade, a generosidade e a ética de um lugar. A austeridade dos costumes de minha casa fizeram filhos éticos. O que já me parece não ser pouca coisa. Traduzo a vida dos meus irmãos como testemunho de todas as casas dos imigrantes. Os dois primeiros capítulos, porém, estão narrados de maneira literária, tomando de empréstimo um personagem fictício. Vamos ver no que vai dar este trançado de palavras, ao refletir histórias de vida e conceitos diversos. De todos os jeitos que se o olhar a narrativa, existe um desejo de gratidão.





## CAPÍTULO I: O MAL MORA POR PERTO

Eu, Desidério Reuter, mais que um colono e auto-didata, aprecio ver a intimidade das coisas com bons desejos e espírito crítico. Busco compreender melhor a mim e aos meus, sem negar as inclinações com suas demandas. Como é difícil nos amansar: somos tão contraditórios e complexos! Tampouco sei exatamente porque Ele criou o homem com tamanhas ambivalências. Não me repreendam. Aprecio fazer minhas reflexões.

*Os olhos do Senhor são dez mil vezes mais brilhantes que o sol. Observam todos os caminhos dos homens e penetram os rincões mais ocultos. Antes de serem criadas todas as coisas, Ele as conhecia e, também, depois de acabadas.* Desidério, também, concordava sobre o cansaço divino uma vez que tanto fizera. Suas últimas criações, entre elas a terra, já não saíram da melhor maneira. Apreciava, porém, a grandeza do universo, dizendo: sabemos tão pouco sobre a criação. Não tem jeito: o pobre homem, mesmo reconhecendo suas limitações, ainda emite seus pitacos, opinando sobre o que é melhor para si e o universo.

Tudo foi feito com tanto cuidado e perícia! Espanta tantos astros sem nenhuma utilidade a não ser de poder vagar, contrabalançando as forças, emprestando sua existência para que tudo ande bem. No meio de tudo, Desidério torcia como uma criança pra que se encontrasse algum deles, ao menos um, semelhante à terra. Hoje, por exemplo, comoveu-lhe a sorte de encontrarem um astro de imagem parecida. Pensava num sol generoso, mas distante, pra que não se queimassem as primeiras flores. Descobrir é uma questão urgente para pôr em movimento o ritmo alegre, pois se não for assim, ficarei como uma bola suspensa sem saber pra onde ir.



Desidério dizia mais, imitando seu amigo Júlio Peres: sou semelhante ao náufrago de uma história antiga que era um escritor de mensagens em busca de salvação, perdido numa vasta ilha. Enviava mensagens em garrafas na tentativa de se ver salvo. Vai mais um tempo, toma gosto de escrever sobre sua realidade em busca de salvação. Contentava-se, por fim, apenas em escrever. Pouco se importava com a salvação. Escrevia feliz sobre as areias, as tâmaras e os coqueiros. Descobre, então, sua ilha. Aí tem mais comunicação. Que viessem salvá-lo, mas diria o quê diante de sua vida de ilhéu?

É isso mesmo, acho que estou nesse nível, aprendendo a ver melhor e me encantando com os achados da minha vida. Descubro o que já sabia. Me sinto semelhante ao náufrago sem carência de salvação. Tudo correspondia às minhas formas de pesquisar minha a ilha quase deserta. Pensava: acho que sou aquilo que faço, sem ter muita expectativa. Vou adiante pra ver os males e fazer o bem.

Descubro, então, o velho Ortega com seus conhecimentos sobre Salomão. Desconfiava que o pedante rei não era de nada, ou, apenas pouco do que dele se dizia. Não poderia haver grande sabedoria em perder a integridade de um povo e foi isso que ele fez. Não há sabedoria em deixar que se perca a dignidade de uma nação. Ele se mostrou pedante e mulherengo por demais. Com 770 mulheres das tribos dominadas, é visível a dificuldade em manter inteira uma nação. Em pouco tempo perdeu-se o que seu pai Davi, também cheio de pecados, havia reunido. Também o rei salmista cometeu um dos pecados mais vis. Traiu seu soldado Urias, fazendo-o morrer para deixar inteira para si a esposa do guerreiro. As mulheres eram o fraco do pai e do filho, onde o espírito era fraco e a carne muito forte. Concordo em tudo com o que diz Ortega sobre a realza salomônica:

Se Davi era o tal por ser de ímpetos multiformes: capitão,



citareiro, dançador, poeta, pecador confesso, adúltero e profeta, ao contrário do pai, seu filho Salomão foi um decadente. Vivia de festas egípcias e de todos os regalos que o poder lhe concedia. Divertiu-se em se ver no palácio e no templo. De pouco serviram suas obras, pois cheio de si, esvaziou seu reino. Se divertia com a rainha de Sabá. Enquanto tais coisas ocorriam se fragilizava a autoridade, permitindo todo poder aos inimigos de sua terra. Portanto, descobri em Ortega a vilania de Salomão por ser ingrato ao extremo para com sua pátria. Depois disso não houve mais dignidade em Israel. Auschwitz, anos mais tarde, foi consequência de sua grande sabedoria sensual. Os olhos de Salomão não olharam muito para os seus. Imensificava-se cada dia mais. Suas atitudes eram voltadas para sua própria causa e, por dirigir-se assim, estragou a virtude principal da gente hebraica: a espiritualidade que fazia consistir viva a dignidade da ordem histórica dos livros das leis. De pouco adianta grandes obras se não houver a atenção ao principal: a vida dos outros. Assim, Desidério, por não ter muito que fazer, continuava em suas ideias e ilações.

O grande rei se depravava se achando o tal na muita glória. Casou-se com a filha do Faraó do Egito. Seu casamento não está bem explicado, pois nada é dito sobre seu interesse, se pessoal, ou, se para o bem da nação hebraica. Uma loucura, porém, era sua fome erótica: uma devassidão. Ora, ora, não tem casa que subsista com tantas mulheres. Construiu pequenos templos para os deuses de suas mulheres, perdendo-se o respeito pela tradição das leis e pelo culto do único Deus. A perda da identidade religiosa, mais os destemperos reais, produziram muitos inimigos dentro e fora de casa. Possivelmente passasse mais tempo agradando e controlando seus afetos que olhando para a nação. Por isso se falou: de nada adianta uma casa bem feita se seus habitantes não tiverem retidão de propósitos e respeito por sua identidade. Assim que Salomão



faleceu em 931 antes de Cristo, tudo foi se reduzindo aos poucos. Formou-se a separação dos reinos de Judá e de Israel. Reis se sucederam, sem jamais obterem a qualidade de vida de seu povo. Bem como diz o canto de Martin Fierro: *se os irmãos não se unem, os de fora os devoram*. Não se fez duzentos anos de separação, quando Israel conheceu seu último rei, Oseias, o qual governou de 731-722 A. C. Sargon II, o rei da Assíria, vendo a fragilidade hebraica, invadiu a terra dos israelitas, dominando-os, cobrando tributos. Oseias não suportou a humilhação, revoltando-se. De pouco adiante a revolta. Infligiu-se pena maior: os filhos de Israel foram deportados para a Assíria. Pois é só pra ver, meu pastor, a gente pode ter devaneios diante de uma floresta e até de uma flor, pode ter devaneios com águas e musgos, nos silêncios da noite e na alegria de uma festa, mas entender-se a si mesmo como o devaneio principal é muito perigoso. A humildade e a fraternidade é que conta. São sempre ameaçadores os devaneios sobre suas próprias contas, esquecendo-se de Deus que mora entre nós e não dentro de nós. Desidério continuava desse jeito, por não ter o que fazer, pensou: fiquemos um pouco mais com Salomão, contrapondo a ele outra história, revelada por Rabindranath Tagore. Esses orientais são pouco práticos e ficam imaginando coisas. Ao contrário de Salomão, Amal, o menino da história não lhe era autorizado sair de seu quarto por se sentir doente. O médico disse-lhe que a rua era perigosa e suas forças fracas para enfrentar o campo. Assim não poderia sair de sua janela para buscar socorro. Nada mais via senão o que o marco de sua janela permitia. Ao longe via uma montanha. Via nela a terra erguendo seus braços, pedindo socorro. Nada mais fazia senão olhar a montanha até que um tio veio com a seguinte conversa: depois da montanha há o correio do Rei. O sonho do menino passou a ser, então, uma carta do Rei em seu socorro. Enfraquecia cada dia mais, e, a carta a demorar. Acabou por deixar



sua alma subir para bem longe de seu corpo. Pois, pois, cada um tire suas reflexões sobre as diferença de Salomão e do menino doente. Aprendi com meu amigo Júlio Perez pra não deixar tudo claro, que os leitores apreciam tirar suas próprias conclusões. A onipotência de Salomão e a fragilidade de Amal fazem mal. Volto, então, para o meu tempo, mostrando, sem meias palavras, a tragédia humana.

Amo a casa humana e a respeito, sabendo de sua complexidade e estranheza. Isso a ponto de respeitar a mulher que covardemente matou seu enteado Bernardo em Três Passos do Rio Grande do Sul. Disseram pra mim que isso é inconcebível. Concebi tal ideia de tanto olhar o ser humano por diversos ângulos, a começar por Salomão e também em Daniel e Suzana. Assim foi o sucedido: Havia dois judeus loucos pra devorar a linda Suzana. Os dois, amigos de Joaquim, marido da bela Suzana, combinaram um momento em que pudessem encontrá-la a sós. Pois não é que ao tomar seu banho no grande jardim, eles apareceram, saindo do esconderijo próximo dela. Logo foram falando: “Aceita e entrega-te a nós. Se não quiseres, vamos denunciar-te. Diremos que um rapaz estava contigo e que foi por isso mesmo que tu mandaste embora as criadas.” Susana bradou angustiada: “Estou sujeita a aflições de todos os lados! Se faça isso, é para mim a morte. Se não o faça, nem mesmo assim vos escaparei. Susana, então, soltou altos gritos e os dois anciãos gritaram também com ela.

Dia seguinte, os dois anciãos se levantaram diante de todo o povo e puseram a mão sobre a cabeça de Susana, enquanto ela, desfeita em lágrimas, mas de coração cheio de confiança no Senhor, olhava para o céu. Disseram então os anciãos: “Quando passeávamos a sós pelo jardim, entrou ela com duas criadas; e depois de ter fechado as portas, mandou embora as criadas. Então, um jovem, que estava lá escondido, aproximou-se e pecou com ela.



Somos testemunhas disto.” A assembleia condenou Susana à morte. Esta, então, em altos brados disse: “Deus eterno, que sondas os segredos, que conheces os acontecimentos antes que se deem, Tu sabes que proferiram um falso testemunho contra mim. Vou morrer sem ter feito nada daquilo que maldosamente inventaram.”

Quando a conduziam para a morte, o Senhor despertou um guri para a realidade. Era Daniel. Gritou com voz forte: “Peço outro julgamento, porque é um falso testemunho o que estes dois homens declararam contra ela.” O povo apressou-se a voltar. Os anciãos disseram a Daniel: “Vem, sentate no meio de nós e esclarece-nos, porque Deus te deu maturidade!” Bradou Daniel: “Separai-os para longe um do outro e eu os julgarei.” Daniel chamou o primeiro e o interrogou. “Se realmente os viste, diz-nos debaixo de que árvore entreteram-se um com o outro.”

“Sob um lentisco.”

Daniel mandou vir o outro e disse-lhe: “Vamos, diz-me: sob que árvore os surpreendeste em atitude de se unirem?”

“Sob um carvalho.”

Toda a gente, então, se insurgiu contra os dois anciãos, que Daniel tinha convencido de falso testemunho. De acordo com a Lei de Moisés, mataram os dois. Deste modo, foi poupada naquele dia uma vida inocente.

A maldade não revela tanto os pecados, mostra mais o quanto estamos cercados de tentação, ou cheios de fragilidades. Qualquer um pode andar movido pelas circunstâncias e a natureza, afastando-se do bem. O fato foi: os dois anciões não resistiram. Faltava o principal: o controle. Estavam de vontade fraca por tanta tentação, por fragilidades. As circunstâncias se moviam contra eles. Por onde





quer que miremos, vemos o que é comum em todos. Para afastar as fragilidades, haja exercícios de bondade, de responsabilidade, de ternura e centenas de outras virtudes para que se possa ter um razoável ser humano. Desta maneira o diabo do mal não nos toma conta. É por isso que vou narrar, mais adiante, as histórias de meus irmãos. Antes, porém, vamos ver de perto belezas também. Não vou fazer o elogio de grandezas, apenas mostrar o que era comum em toda a comunidade de um pequeno lugar. Isto é, as relações familiares se davam mais pela disciplina do que pela ternura. Os pais sabiam com quantos paus se faz um ser humano. Eles sabiam também, o quanto custava criar um ser humano confiável. E pelo que vejo por aí, ainda assim o diabo mostra seus dentes.

Me vejo pensando sobre a condição humana. Tudo é possível em mim e no papa, até ser como a mulher de Três Passos. Eu seria capaz de fazer o mesmo se me fossem iguais as condições da identidade dela. Um universo de probabilidades faz um acidente, como um universo de probabilidades faz um ser humano cruel. Poucos chegam a perfazer um ser humano como Borges. As palavras retas e encantadas nasceram nele de circunstâncias de natureza e de cultura exuberante. Graciele matou o piá, que poderia ter sido o filho querido de seu coração. Contrariamente à etimologia do nome: gratia e elli = graça de Deus, ela foi levada a ser dominada por tendências que a afastaram completamente de qualquer poder de salvação. Pouco ou nada sobrou daquilo que queria: cercada de bens. Enredou-se em si mesma. Sufocou-se matando o guri. Um torvelinho de paixões cercou-a de trevas, de onde a reciprocidade e a ternura foram alijadas. Cadê a liberdade? Nada mais é do que o resultado final de hábitos, do caráter, das circunstâncias, do destino, da vontade, dos desejos, dos sentimentos, da inteligência e da compreensão. Quando qualquer destes fatores entra em convulsão pode acabar com qualquer um. Graciele tornou-se presa, então, de



uma força tenebrosa e covarde fazendo de sua razão um fantoche sem competência. Será condenada porque aqueles que a cercavam não previam o demônio em que se tornara. Avisou, por certo, de seus desejos perversos, mas a leitura do ambiente foi lenta e o mal se precipitou sobre ela e seu filho adotivo. Isso parece a metáfora de Laocoonte e de seus filhos estrangulados por serpentes. Foram castigados pela ofensa a deuses magoados. Mania dos deuses andarem magoados com a frágil criatura. Assim ela enredou a si e os que lhe estavam próximos, pouco fazendo para que o menino, que poderia ser o filho de seu coração, não fosse morto. Cadê a liberdade? A grandeza dos escritos de Garcia Marques mostra a loucura humana inscrita em Macondo com seus Buendia. Dirão: mas aí é fantasia. Nem tanto: Garcia não achou ruim os fuzilamentos autorizados por seu amigo Fidel. É de assombrar, como assombra a história de Três Passos. Vi santos e filósofos fazendo elogios a Fidel com suas matanças. Diziam que ele matava o diabo do capitalismo ao matar a tanta gente no paredon. Não seria a ideologia da ilha o mesmo mal que atacou a Graciele. Entences, por esses tempos do equinócio de abril de 2014, vejo coisas de espantar. Também Graciele buscava maior liberdade ao matar o guri, que poderia ter sido o filho querido de seu coração. É isso: a liberdade, na cabeça de muitos, possui seus equívocos. Careço nesta pasquela muita compaixão, pedindo aos céus *adonde los ojos del Señor son diez mil veces más brillantes que el sol*, que me dê a suficiente bondade de não imputar culpa em Graciele, a possuída de horrores. Então peço àquele que tem olhos capazes de ver melhor para que eu distinga uma luz distante que de perto sombras absolutas me dominam. Que eu possa dizer me aproximando de Borges:



*uma mulher, prisioneira e enfeitiçada,  
uma mulher condenada a ser serpente,  
levada a guardar um ouro infame,  
uma mulher feita escárnio  
e afogada em câmaras letais,  
como o hebreu a morrer sem glória.  
Como leões cercam sua casa.  
Já não sei se pedem justiça ou vingança.*

Pra concluir sobre o ocorrido em Três Passos, soube que o marido Boldrini, atendia por solidariedade a tanta gente na mesa de cirurgia. Vejo, então: patologias alheias nos devoram como câncer. Via no episódio, os gritos de vingança de uma cidade. Quantos deles não praticariam o mesmo crime de Graciele? Possivelmente entre estes estariam aqueles beneficiados pelas mãos de Boldrini. Falo tais coisas para mostrar de quantas virtudes são necessárias para segurar um ser humano de pé.

Me reporto, também, ao genocídio judeu e a Eichmann, um reles empregado de boa verve e pretensioso. Trago em seu favor a judia, jornalista Hannah Arendt. Que mulher de senho duro e de verdade exposta! O que diz ela sobre a morte de Eichmann, o homem que ajudou a absolutizar a banalidade do mal? De fato, ela dá a entender que Eichmann não foi bem julgado. Diz ela: ele foi julgado por leis posteriores ao genocídio. Os juristas começaram a trazer questões fundamentais dizendo ser da legislação alemã a autorização de morte a quem não fosse cidadão alemão. Portanto, ele não poderia sofrer pena por estar cumprindo leis. O que, sim, parecia evidente haver uma moral distorcida por perversos costumes, a qual traduzia ofensas graves contra a humanidade. Tais



distorções deveriam ser julgadas por um tribunal internacional. Assim parecia uma vingança. As vítimas, então usaram de estratégias tão irracionais quanto os criminosos nazistas. E todos os discursos, inclusive os de Ben-Gurion, mostravam este lado oculto atrás do nome de justiça: não vamos desistir de nosso prisioneiro. Hannah concorda: o prisioneiro foi condenado por um crime que até então era tido como desconhecido. Foi julgado sem testemunhos em seu favor. Parece claro ter praticado o mal sem razões de ódio. Ao contrário, ele favoreceu a deportação de judeus e até tenha agido pessoalmente em favor de alguns. É verdade, atos desumanos foram praticados. Terríveis como tantos outros já praticados contra a humanidade a exemplo daqueles praticados em outros tempos e é só ver o que Carlos V e seus representantes, Pizarro e Cortês praticaram. E o que dizer do genocídio gaúcho praticado em nome do Tratado de Madri? A justificação da maldade não precisa de muito para superar a dissonância entre o bem e o mal, prevalecendo este sobre aquele. O alemão Kant perdeu feio com seu axioma para os acontecimentos da Alemanha a partir de 1939, data inicial da solução final.

Nesta manhã de domingo, 20/04/2014, escondem Graciele, a perversa, pois outros, se achando melhores do que ela, querem matá-la. Se não foi assim por que a escondem? Querem matar nela os próprios males. Ninguém, porém, faz retornar o menino, aquele que poderia ser o filho querido do coração de sua mãe. Que hoje por respeito aos dois que morreram, a nossa vontade seja princípio de uma lei geral. Desconfio, por tudo que foi narrado, que nem Deus facilita as coisas no coração humano.

Vendo mais de perto a duas mortes a do piá e a do judeu, morto por medo dos romanos, não são suficientes algumas palavras, muitas são necessárias para aliviar este tumulto de dores cabidas



no coração humano. Por detalhes, não são as minhas. Em tudo sou semelhante aos que morreram e aos que mataram. Então, ao olhar as flores de um jardim imaginário, pois minhas bocas-de-leão são poucas e se falecem, uma a uma, junto à Maria Eugênia, invoco Borges e dos poemas colho palavras.

Peço como ele:

*Dá-me Senhor, coragem e alegria  
Para escalar o cume deste dia!*

Olho com espanto o que escrevo ao buscar consolo em Borges. Sentiria um prazer indizível se ele ou Cristo pudessem trazer um criador para renovar o homem e a face daqueles que mostram minha face perversa, seja no matador obediente, seja no tribunal inconsequente de Jerusalém que, pelo visto, errou feio pela segunda vez. Parece que os séculos trazem a mesma bagagem. Eu, Desidério Reuer, sou semelhante ao Velho e o mar, pesco e pesco, puxo e puxo, trazendo apenas a carcaça de meu peixe enorme sobre o qual lancei as esperanças de um grande pescador. Todavia, não sou tão desanimado como Hemingway. Meu peixe é menor, meu sonho não é tamanho e minha escrita pequena! Apenas sei: o mal não possui domínio próprio, ele habita todo ser humano, mais ou menos vigoroso, dependendo do bem produzido pelas virtudes do caráter e das circunstâncias.





## CAPÍTULO II: DO BEM E DO BELO

Cansei do mal, vou procurar o bem e sua prima de nome beleza.

Para dar continuidade a esta novela de propósitos iniciais, me anima escrever ainda mais sobre os aprendizados de Borges. Este, de fato, nunca pretendeu ser um Salomão, que olhando bem, não é a metade do que dizem, nem o menino Amal, pois nada fez senão acreditar na autoridade dos outros. Borges pastoreou a si mesmo entre pastores competentes. Apreciava muito estar com Macedônio, outro pensador argentino. Chegou a dizer que ficava feliz durante a semana porque no sábado teria conversas com Macedônio. O bem começa sempre pela amizade existente nas casas! Este tinha um olhar crítico sobre o que diziam, buscando descobrir grandezas onde outros encontravam pequenezas. É Borges mesmo que escreve sobre um fato ao mostrar um pouco de seu perfil.

Macedônio gostava de compilar oralmente pequenas listas de pessoas de gênio, e, numa delas fiquei assombrado ao encontrar o nome de uma senhora muito encantadora, nossa conhecida, Quica Gonzães Tomkinson de Alvear. Encarei-o de boca aberta. Por alguma razão, eu não achava que Quica estivesse no mesmo plano que Hume e Schopenhauer. Mas Macedônio disse: “Os filósofos investigam e explicam o universo, ao passo que Quica simplesmente o sente e compreende”. Voltava-se para ela e perguntava: “Quica o que é o Ser”? E Quica respondia: “Não sei o que você quer dizer, Macedônio”. “Veja”, ele me dizia: ela compreende com tanta perfeição que não pode nem mesmo entender o fato de que estejamos confusos”. Esta era sua prova de que Quica era uma mulher de gênio. Quando mais tarde eu lhe falei que podemos dizer o mesmo



de uma criança ou de um gato, Macedônio zangou-se.

Já não sei se Macedônio se equivocava em razão de sua perturbação afetiva ou se, de fato, via em Quica um gênio não percebido por Borges. De todo jeito, ignorante Quica não parecia ser, pois convivia com tais gentes, cheias de perspicácias. Assim sendo a genialidade depende do ponto de vista. Possivelmente o sentir e o pensar fossem confundidos por Macedônio. O que pretendo entender até agora é que nem tão inteligente foi Salomão, nem o médico, nem o menino, contemplando a montanha do marco de sua janela, tampouco eu, que fico mandando garrafas com mensagens pelo prazer de mandar. Parece sábia a Quica, se não foi inteligente, se fez passar por filósofa. De fato, sabedoria tinha um padre amigo que costumava dizer: se não entendes nada sobre um assunto, fique calado, que assim continuas filósofo.

Nenhum de nós pode ser competente a ponto de resolver seus mais simples ou agudos problemas, mas que Borges era bom no pedaço cultural da poesia, isso ele era. Para exemplo mostro uma parte da poesia *Clareza*, escrita quando era ainda jovem.

*Que necessidade há de falar  
Ou fingir ser outro?  
A casa toda me conhece,  
Sabem de minhas preocupações e fraquezas.  
Isso é o que pode acontecer de melhor –  
O que o Paraíso nos concederá talvez:  
Que não se espantem conosco nem nos exijam sucesso.*

Eu, Desidério Reuer, não escondo a decepção por pertencer a uma raça ignóbil e carregar a mesma desvalia de Graciele. Resolvi auscultar a realidade das diferenças humanas e nos meadros encontrar um consolo pra me dar sentido existencial. Sabia: sua





essência é contraditória, pois em mim se escondem os mesmos diabos dos possuídos pela violência, desmandos, sacrilégios e tudo o mais que me envergonha. Talvez, porém tenha a sorte de possuir uma natureza mais suave associada a uma educação voltada para as virtudes. Exercícios mil em torno da bondade, alegria, solidariedade, coragem, prudência, ternura e outros semelhantes, podem minimizar as estruturas perversas de minha habitação. Já que falei de maldades, falo agora de bondades!

Me disseram: em Passo Fundo faleceu um homem de uma estirpe de difícil acesso: um padre consagrado a dar vida a uma instituição de sua criação. Fui ver de perto as disposições e as ações, pois o verdadeiro caráter se mede pelas atividades e seus resultados. Não vale somente agir, pois toda ação feita sem cuidado pode desmerecer o propósito inicial. Uma cidade pode ter um homem assim de um perfil bem amável. Isso demanda de quem faz uma solidariedade sem precedentes, uma vontade quase inabalável. Ninguém é de ferro. Nos tempos complicados o padre sofria calado em sua fé de um projeto inovador: uma universidade comunitária. Não somente me falaram, e, dele eu mesmo apreciei. Por duas vezes eu vi o padre em dificuldades a ponto de despertar em mim muita curiosidade: quero ver como ele vai se sair dessa. A primeira vez: grupos de alunos, entendendo que a instituição era uma criação burguesa, pretendiam transformá-la em obra de uma ideologia estatal. Como bons prosélitos de esquerda buscavam uma instituição de natureza marxista. *Que se mueren los capitalistas!* Pois o padre resistiu com firmeza na crença de uma comunidade capaz de mirar um destino alheio às ideologias de tendências trotsquistas e burguesas. Os tambores ressoaram por aqueles dias de 1988. Feras ensandecidas enterraram o homem, num gesto simbólico de destruição, entendida como gesto libertador. De outra feita, o Estado Brasileiro, em fim do regime de exceção, resolveu intervir na



instituição criada. É isso aí: as instituições mais se defendem do que se aprimoram face à presença onipotente do Estado. Vejamos: a inflação galopante criou uma defasagem abissal nos salários dos professores. No momento de adequar o salário pela inflação, o Ministério da Educação resolveu de maneira populista retirar o poder de cobrar a inflação. Não houve outra maneira senão fechá-la. Greves de todos os lados se propunham para complicar o estado de ânimo e o entendimento. Pois bem, usando de estratégias diferenciadas foram se amainando os caminhos. Em tudo se vê a capacidade de decidir com prudência. O sacrifício de ver um sonho bom resultou entre dores. Se era um homem doce? Não era um homem de doçuras. Mantinha distâncias como se a pele dos outros pudesse induzi-lo ao pecado. Entendi desde cedo a sua bondade. Ela nem sempre se faz de gestos suaves. Hoje Passo Fundo pode ser vista como uma cidade universitária. A região aprendeu de seus limites. Se o Estado não supriu, o homem encontrou na comunidade um caminho para a região. Pois o homem estava possuído pela alma de um lugar. Ele buscava na legislação e em conselhos de diversas autoridades desvelar o horizonte desconhecido. Eu vi do quanto se faz uma obra assim. De muita competência e decisão quase obsessiva é que se fez e se faz pelo sofrimento para ter em perspectiva a densidade de um sonho face às resistências. Somente uma educação jesuítica poderia deixar um homem com tais virtudes. Somente após sua morte vozes se ergueram. Estufavam o peito e diziam: viva o padre Alcides, mas na primeira festa de posse universitária já o esqueceram.

Tendo-se dito estas coisas, Desidério Reuter começou a ver as extensões das almas e resolveu inquirir ainda mais. Pensou: existem certos tempos propícios a gerar males e bens. Assim parece a natureza. Diversos fatores se armam para produzir tempestades e, então, sai da frente vivente que os ventos assolam. Ou pelo contrário, os clamores em Passo Fundo se divisavam altos em favor do ensino



superior. Seu companheiro das lides deste projeto teve um amigo e legislador. Me encanta um homem baixinho e simples como um ratinho. Mostrou sua esperteza em produzir as leis para o ensino superior: não teria a cara de interesses particulares, tampouco seria conduzido por favores públicos. Queria árvores, muitas árvores como se delas pudesse provir a sabedoria sobre os meninos de sua região. O campus verdejou em pouco tempo. Seu lucro foi de uma extensa alegria por ver a sorte vinda da reunião de esforços gratuitos de tantos professores. Ninguém sabia se, acaso, sua bondade provinha dos pássaros que foram se abrigoando nas árvores plantadas no campo, ou, se o lucro não foram as sombras que se viam cada vez maiores. Do jeito que for, lucravam a juventude, as árvores e os animais de pluma e de pelo. Ambos davam vida a um mundo pobre. E os meninos e as meninas ignorantes tiveram a melhor oportunidade de crescerem em sabedoria e não apenas em idade.

Reuter continuou movido por sua curiosidade, vendo se compreendia o tamanho da alma inscrita numa mulher. E viu!

Viu dores insanas de muitos lugares como se aí habitassem os animaizinhos da fantasia popular do Tennessee; só faziam chorar, deixando nas estradas suas lágrimas impressas na poeira. Desaparecidas as sensações de ameaças, via as garças brancas carregando raios de sol e brisas nos cílios das penas.

Desidério, então, começou o passeio das ternuras livres de preconceitos: o amor não se determina por alamedas fechadas, quando resolve ser mais pleno que as galáxias a esconder mundos insuspeitos. Mas os diabos não esperam muito, sempre se infiltram até nos templos. Não foi assim que Deus viu o diabo entrar no templo de Jó?: “Que fazes tu aqui, infeliz criatura?”, disse Deus. “Desculpe, vim acompanhar os teus fiéis e ver suas condutas.”



respondeu o diabo. E da conversa feita, resultaram as dores do pobre Jó. O bicho é esperto. Nele palavras doces se põem com segundas intenções. Reuter viu o quanto pode ser frágil o dito amor, parecendo inquebrantável. É bíblico:

Deus vendo o diabo, mais uma vez, entrando às escondidas, perguntou:

-- Donde vens tu?

-- Andei dando uma volta pelo mundo, disse Satanás, e passeando por ele, notei dois amantes que muito se amavam. De um amor fiel inquebrantável. Não há outro igual em toda a terra: íntegro, reto, temente a Deus, afastado do mal. Mas duvido que fiquem assim se retomam as fantasias.

-- Esteja à vontade, aquilo é coisa divina, sobre ele diabo algum terá poder.

Voltando-se o diabo novamente sobre a mulher de amor inquebrantável, insinuou antigas dúvidas. E sempre que o diabo retornava se impunham os mesmos sofrimentos, como se as dúvidas de tentações do marido fossem uma eterna compulsão.

Novamente, Desidério retomava sua paciência como um escudo. Sofria mais, como se lhe apagasse por dias o amor antigo, mas como um sol entre nuvens, reaparecia ainda mais terno. Por fim o diabo, ele também cansado de ver a repetição e um amor cada vez mais denso, resolveu parar de tentar.

Desidério, portanto, arrefecidas as investidas diabólicas, se aprumou todo, como fidalgo ou semelhante aos colonos de antigamente, ajaezou seu cavalo de arreios e pelegos novos. Sonhos eróticos se introduziam nas noites e sua amabilidade e sensibilidade



de amante se faziam novamente fortes. A ternura desperta fazia da mulher a melhor expressão de uma deusa afável. Voltaram os pássaros suaves e os leões se recolheram às antigas pradarias da África. A suavidade das horas trazia a semelhanças da felicidade. A figura divina não se pejava de contrastar com modorrento cotidiano, suavizando os momentos nos quais a vida parece de pequeno porte. Assim pensando resolveu construir um pequeno espaço de uma estética amável para que as horas tivessem a força de uma harmonia singular. Envelheceu com amores antigos à exemplo de Drummond:

*Se em toda parte o tempo desmorona  
aquilo que foi grande e deslumbrante,  
o antigo amor, porém, nunca fenece  
e a cada dia surge mais amante.  
Mais ardente, mais pobre de esperança.  
Mais triste? Não. Ele venceu a dor,  
e resplandece no seu canto obscuro,  
tanto mais velho quanto mais amor.*

Se rugiam trovões, que na vida rugem intempestivos, agora rolava a água resultante das chuvas alimentando ramos e sementes.

Desidério, também, ocupou-se da beleza humana nos templos e nos museus. Semelhante a um anjo caído do céu confortou-se na contemplação de todas as coisas, liberado para não mais duvidar da grandiosidade divina. Uma conclusão veio resoluto: ninguém pode avaliar com justeza o tamanho do ser humano. Continuou forjando ideias. Voltou-se sobre si como em sonho.

Línguas, como em atos dos apóstolos, investiam em



seu espírito passando de conversas minimizadas para uma transcendência maravilhosa. Por vezes, parecia-lhe estar entre nuvens. Sonhos eróticos extasiavam seu corpo onde outros viam velharias. Os museus são minha solidariedade preferencial. De repente me vem um deles: *o Campo de Trigo e os Corvos* de Van Gogh. Senti, embora feito em 1889, uma forte lembrança de Dinair Pires que se referindo a árvores escreveu: *a seiva que sobe da terra se confunde com minhas veias*. Até os corvos, sobrevoando sobre o campo, indicam a negritude que se ia na alma de Gogh. Museus... isso mesmo, museus, são semelhantes aos sacrários carregadores de sacramentos. Por lembrá-los me fazem pensar. Aliás, todos os quadros de Gogh me deixam pleno de uma tristeza respeitosa. Ali se povoam os mistérios da magnitude humana. Penetrante a força dos *Comedores de batata*. Aí se resume a fome universal: do pouco, uma beleza como se o mundo pedisse misericórdia. As incertezas são vistas a olho nu nas figuras tracejadas vigorosamente. As cores vivas escondem uma alma de uma alegria apenas desejada, contida pelas dores de uma comunhão. A arte sugere sentimentos severos: não se dão muito bem com pouco. Por outra vez entrei na Igreja de São Pedro *in vinculis*. Manhã de um sol ainda sereno, oito horas da manhã. Aí me aparece portentoso Moisés de Buonarroti. Que poder e limpeza de autoridade! Bem assim esculpiu o artista, traços feitos exatos até nas veias. Vi a perfeição na autoridade solene de Moisés. Vi nele o necessário controle de um povo desorientado nos costumes. Impôs as leis à força divina: morte a pedradas aos transgressores! A beleza imposta pelo artista, o medo imposto pela autoridade. Portanto quem vê estátuas velhas nas artes sem ler a história, pode ver uma arte: vê pouco ou quase nada. Pobre dos turistas não vendo nem arte, nem história, apenas um homem de chifres, sentado dentro de uma Igreja. Curiosamente, a estátua na mesma Igreja onde, se diz, estão as correntes nas quais prenderam



São Pedro. Violências para manter uma fé, sofrimento pra introduzir outra.

Por falar em violência, pouco é mais constrangedor e belo ao ser humano é ver no Museu do Prado. O fuzilamento dos madrilenhos no quadro da colina Príncipe Pio. Góia não mediu sensibilidade para produzi-lo. Quem o contempla avalia o sofrimento dos fuzilados. São mais de 80 quadros em torno dos desastres da guerra. Em quadro 5 e 33 é de chorar de me sentir da mesma espécie. Mulher defendendo sua cria e o outro em castração de um inconformado com as tropas invasoras. Impressiona o poder de perdão que se tem. O imaginário consegue maximizar a violência tanto quanto a realidade. A obra grega de Laocoonte , o sacerdote, museu do Vaticano, assusta, pois diz a lenda sentir-se Apolo ofendido por quem deveria ser casto. Laocoonte, por obrigação de votos deveria levar vida celibatária, teve dois filhos. Apolo, pelo desrespeito, enviou cobras a devorar seus filhos. Laocoonte se pôs então a lutar pra salvar seus filhos. Lá estão as cobras a retirar as forças dos peledores.

A bem da verdade, tudo que se contém nos museus e nas igrejas revela desejos humanos de comunicação e de busca de poder e um pouco de glória, seja dos homens, seja das divindades. É só entrar neles e, de modo especial, no Museu de Ar e Espaço, e no Museu de História em Washington pra ver grandezas. Vi muito mais: o comovente Museu do Homem, Paris. Veio de cavernas, ranchos e casas pondo em tudo instrumentos de sobrevivência. Não tem quem olhe os objetos de cama e mesa sem se admirar. A alma do homem tem invenção. Assim demandam diferentes apelos, o infinito entre os sentimentos e o pensamento. Da inclinação violenta aos trâmites da bondade. Anda-se quilômetros e não se esgotam os horizontes.

Entremeios a tudo que via surgem espantos em gente admirável. De uma só vez, Desidério foi dizendo as grandezas



possíveis de uma velha Senhora. Encontrei-a hospitalizada. 90 anos e três cirurgias, fraca, por cinco dias sem alimento via oral. Intestino severamente comprometido, agravado o estado pós-cirurgia. A irresponsabilidade da enfermagem fez que tomasse café farto, poucas horas após a intervenção. Mais cinco dias sem alimento via oral e mais três sem qualquer alimento. O soro havia feito dela um balão. Aguentou dez dias de penúria alimentar. Sarcopenia: fraqueza das carnes era o estado da velha senhora. Resistiu pelo desejo de viver. Mal esmorecidas as forças, foi ver as filhas em lonjuras. Nada arrefecia o desejo de amar. Pela manhã tragava as horas felizes em serviços caseiros. Que sogra indolente é um mal, dizia. Acho que a bondade tem disso: vem por infusão de ternuras nas almas de quem cresce. Reuter aí não guentou de ver tudo que se lhe dizia respeito: uma lágrima furtiva de compaixão e reverência. Nem bem derramada o doce-amargo sentimento, assustou-se por vê-la em surto de um coração disparado e as artérias mal comportando o sangue em seus canais. Disse ela, então, que me leve logo Deus, nem pense em me deixar um lixo. E garbosa andava duas horas depois: nem sei o que me deu. Acho que a velhice tem disso: costuma assustar como no jogo infantil de se esconder. E o vivente grita, ainda não! E a contagem continua e ela, a Caetana, impávido colosso, há de se divertir. Te achei!

Por ver-se assim em tamanhas contradições humanas, entre bondades e maldades, Reuter amenizou-se com sua história. Bá tchê, se exclamava em rápidas intermitências, quando se agitava, emocionado. Gente de restos de pátrias expurgantes. Ainda assim saímos do jeito que somos. Tirando os nove foras, me orgulho em que viramos. Vamos, contar logo! Discurso longo, sermão bravio e conversa enrolada ninguém guenta sem suspiro doído. Pois o causo se deu assim, minha gente. E por ser mais longo o texto, merece um capítulo a parte.





## CAPÍTULO III: MEUS IRMÃOS DE SANGUE E DE LUTAS

Deixo os dois capítulos, inseridos entre a ficção e a realidade. Agora, então, privo dos meus irmãos. Deixo de lado o amável Desidério para assumir minhas lembranças e falas da casa da Linha Divisa. Meus sete irmãos vão dar conta de substituir as dores e as inclinações humanas destemperadas do primeiro capítulo, mostrando a determinação de gente de bem. Vão trazer a bondade e a beleza semelhantes ao segundo texto.

Pelos exemplos, poderemos entender o quanto a disciplina e as virtudes são preferidas aos agrados da afetividade familiar. Primeiro, criar filhos e filhas confiáveis, pra depois garantir o afeto e o necessário. Valia tanto um ser humano responsável quanto um ser humano amável. Ficarei entre os encantos e forças expressos no segundo capítulo, fugindo das devassidões do primeiro. Em todo o tempo da narrativa familiar paira a estética de um ninho.

Em todas as comunidades de descendência imigrante havia princípios consagrados pela cultura cristã. Se fazia uma educação austera, cuja pedagogia era possuída por mandamentos judaico-cristãos e outros fabricados pelos medos de se perderem os filhos em meios adversos. Todo cuidado era pouco: quase um treinamento de guerra. Castigos físicos, rituais religiosos, desconsideração, fogos imaginários, pressão comunitária faziam dos filhos e filhas uma gente de erotividade presa à geração de filhos e cuidados pela vida. O desrespeito aos mais velhos, agressão entre irmãos e vizinhos, palavras indecorosas, gestos indecorosos, desatenção às



ordens superiores mereciam privações e a prática de imposições morais, psicológicas e físicas. Todos carregavam noções claras dos pecados inscritos no coração da cultura. Que todos se afastassem das inclinações evidenciadas no capítulo primeiro e tivesse sensibilidade para o bem e a estética divina ditas em catequese, em salmos e em canções religiosas e na mente da tradição. Sobre isso já foi dito o necessário. Narro sobre meus irmãos para comprovar minha ternura sobre nossa casa. Fomos à mediada que nos fizeram andar. O pai Júlio e a mãe Genoveva, entre cardos, foram exigindo a feitura de seres humanos decentes e de uma retidão inarredável. As exigências não se impunham sem razão. Havia neles um Deus, uma comunidade de uma cultura voltada para princípios austeros e os pais seus representantes.

A história de minha casa é uma novela de enredo trançado a muitos fios. Chamarei a nossa casa, a casa dos meus irmãos. Um professor e uma dona de casa, os pais. Ele, professor, de serventia geral. Ensinar português a uma comunidade de meninos e meninas de fala alemã. Em torno de 100 alunos divididos em dois turnos. Alfabetizá-los, torná-los cristãos, matematizá-los, enterrar os mortos, mediar confrontos, evitar faconços: um pedacinho de terra mal medido podia revelar intestinas raivas, celebrar, ser modelo, e sustentar, por vezes, o insustentável era tudo isso e mais um pouco o que ele fazia. Ela, de origem italiana, atravessada por três línguas, dialeto vêneto, português e, por fim, alemão, um sofrimento tardio para a comunicação. Valentina poderia ser seu nome, tirando uma mesa razoável do pouco alimento e de uma língua trançada em chiados e sons guturais é de causar raivas incontidas. Feita de uma natureza de guerreira. Foi levando os oito entre beijos e tapas. A disciplina se auto-justificava. Filho meu, vai saber e vai fazer. Sábia: num mundo de sustos, só os valentes não correm. Nascida para a liberdade e presa em firmes convicções. Entre os frios dos



ventos e umidade das matas foi crente da riqueza de pobre: filhos, ainda que entre cardos, onde roupa nova era um sonho. Heroína de valentias incontáveis. Quando o marido se perdeu no jogo, fez que perdesse a vergonha, ao buscar em Santa Rosa roupas de preço igual ao dinheiro perdido. Ele foi se haver dos débitos feitos. Ao desrespeitar dona Genoveva com o pequeno Carlos no colo, Sílvio, em seus 13 anos, falou-lhe austero: se alguém errou aqui em casa, eu peço perdão, se o senhor errou, então não pode fazer isso. Foi o suficiente. Acalmou-se o leão que rugia no pai. Depois foi celebrar a palavra de Cristo, morto por defender a ternura e a vida. A noite veio entre medos de cada um. Quando ele abriu a porta distribuiu balas. Nossa mãe perdoou e fomos dormir em paz. Outro dia fazíamos por merecer a vida em trabalho e estudos para quem tivesse mais de sete anos. A mesma severidade deu continuidade. Os cinco mais velhos revelavam um temperamento menos sereno, amansados em revoltas quietas.

Um dos vizinhos de nossa casa falou, justificando o jeito de uma educação severa: “Lombo de piá, lugar de educação!”

Tudo tão diferente de futuras pedagogias. Os tempos e os costumes são diferentes. Também aprendi no laço. Hoje não penso nem faço assim. Prefiro a presença mais leve ao medo no aprendizado. Muito recentemente falava com um educador:

Acho tanto um, como o outro jeito, os dois podem levar a bons resultados, contanto que a autoridade seja confiável e de presença atenta por quem obedece. A autoridade começa pela cumplicidade entre as partes.

Aprendemos em punições diversas e o cuidado, sabendo o bem que nos queriam. Toda a atenção era pouca. De que adiante mimos se não houver uma presença cuidadora. O importante é a dignidade



dos filhos, sabendo-os protegidos da natureza e das circunstâncias. Na educação também vale o meio termo, sabendo-nos entre ternura, controle e solidariedade. Assim se fazia, prevalecendo o controle. Se não fosse desse jeito, pensavam criar um bando de criminosos e um covil de ladrões. Morar com os outros exige amor e ações repetidas em torno de boas coisas, era esse o maior mandamento.

Medimos a vida pelas esperanças e aprendizados anteriores e lá vamos nós carregando costumes. É isso gente, por isso, neste momento, vale a expectativa em torno de sete vidas. Quero invadir a alma de cada um de vocês, meus irmãos. Se não trago heróis enaltecidos ou varões assinalados em escritos humanos ou divinos, são, porém, de excelente qualidade. Me incluo entre eles, se não pela grandeza, seja pela honestidade de me dizer. É verdade o impedimento maior é não ver o próprio nariz, mas no espelho opaco da memória tentarei tirar o melhor de mim, com todos os limites. Não me vantagemo em nada a ninguém. Quero apenas me ilustrar e, num gesto solidário, pedir licença e dizer-me, sem pejo de me equivocar a meu próprio respeito, pois os espelhos não refletem a metade do que somos. Além do mais, lembrar é esconder-nos da morte que se anuncia. Assim, não bebo da água do esquecimento.

O que mais dói numa família é o mesmo do acontecimento de uma paineira. Os filhos como painas, os flocos e a semente, em seu tecido de fibras delicadas, levadas pelos ventos, vão se distanciando dando cumprimento à multiplicação. A árvore originária se decompõe e os frutos brancos se desmancham levados pelo vento. Quero mostrar, à exemplo de cada família, resgatar na memória a força da antiga paineira antes das painas se perderem no ar. Os universais familiares podem representar uma filosofia de vida. Poucos ficam aí com suas idiossincrasias absolutas. Somos carregados de apelos conscientes e inconscientes gerados dentro de



casa. Aqui vai a primeira:

### **CECÍLIA: NOSSA ZELADORA**

Nos costumes antigos, em parte das grandes famílias alemãs, a mais velha das filhas, era a corresponsável por tudo e em seus ombros se depositava o peso dos outros filhos que chegariam. O primeiro filho levava o apelido de Pubi, pequeno pai. O apelido Muti, a pequena mãe, carrega o conceito de cuidado. Nela, o modelo das intenções dos pais. Para tanto a austeridade se redobrava, não cabendo nenhuma distração. Minha companheira de idas e vindas na visitação de amigas, cuidadosa e terna, segunda mãe de todos os outros sete. Nada poupando de si para o bem geral da casa. Todos atentos em sua sorte. Indo bem a dela, seguros estariam todos.

Vai junto com ela tomar o banho no riozinho! Ordem de mãe era pra se dar cumprimento. Menino de meus cinco anos, vi seu tamanho perfeito dos seus treze. Adolescente fortalecida. Nua, uma imagem de uma ninfa. A família vinha bem, já havia quase uma mulher feita.

Por distração, não lembro em qual de seus atos, a Cecília não acertou no cumprimento de uma das ordens. Meu pai apelou para a velha solução do castigo físico. Revolta geral dos manos, mercedores de seus cuidados. Menina com seios não se bate mais. Acho que foi o Sílvio que sentenciou. O castigo revelou uma grande revolta, julgando-se o pai de uma medida imprópria. Tínhamos então que seu Júlio não podia ter feito aquilo. Dava uma de professora quando, eventualmente, substituía o pai, professor. Mais que tudo, nossa protetora! Enquanto os filhos que vinham recebiam



o farto seio da mãe, Cecília se havia em cuidados com os outros já mais crescidos.

Uma flor de guria, namorando o Helmut Steffen. Ó vida: andam sempre juntas a sorte e a traição. Foi roubada pela amiga Sílvia. Sobrou-lhe a desdita de ficar solita. Lágrimas de abandono o que lhe caiu mal, merecedora da maior consideração. Arrancou-se o riso fácil e generoso do seu peito. Não mais a vi sorrir com a felicidade anterior. Uma dor escondida inibia-lhe a alegria. O sorriso triste apareceu com o primeiro amor. Não mais vi minha irmã, na semiescuridão do entardecer, trocando beijos com Helmut. Acho que ele se prendeu no peito dela, mas foi compensada com filhos que teve com Aldino.

Cabe aqui lembranças de um guri de 10 anos, companheiro de suas andanças, com as amigas, incluindo a que a traiu. Fui com ela até Linha Sete para fazer companhia. A chatice de ser um de chá de pera me chateava. Ficar solito ouvindo conversas, para mim sem interesse, num domingo, era de moer o vivente. Foi, então, que pedi licença para voltar pra casa. Esperei, porém, até o entardecer. Aí saí na frente fazendo apurar o passo, pois desejava muito estar com meus amigos chutando bola no potreiro de meu amigo Leo Braun. Aí sim que tinha vida. Tinha o açude, figos, bola e caça aos passarinhos. Pra consolo dela e meu, começou a atar amizade com Valesca Holz. O irmão dela, Afonso, é que era um grande caçador. De andar à beira dos matos e nos ervais, colhi dias de aventuras. Também me tornei caçador. Saíamos a fazer nossas caçadas. Mas Cecília, muito faceira, não se conformava com pouca amizade. Visitava também amigas mais distantes. Num domingo de sol, a mãe falou: “Tinho, tu vai acompanhar a Muti lá no Reckziegel.” Que porcaria! Mas entre uma vara e um caminhar sem graça, preferi o segundo. E lá havia almoço pouco mais que uma desgraça: sopa de nhoque. Já detestava aquela



massa endurecida e aquela casa de origem alemã transformou o nhoque em sopa de uma massa empedrada, intragável. Tentei, quase com lágrimas, engolir. Santa Maria! O nhoque entalou-se. Rezei pra não fazer feio. A Muti percebeu meu desconforto. Pensei que me fosse socorrer! Inútil esperança! Recebi um chute nas canelas e no meu ouvido: “Come que é feio não aceitar a comida dos outros.” Foi um dos dias mais infelizes de minha vida!

Lá se foram as amigas e veio a conhecer o Aldino. Pensei num casamento de amor eterno...

Fui visitá-la, casada, com Solange, anos depois, em Santa Catarina. Estava contente, mas de terras pobres, de muitas pedras. Para garantias maiores dos filhos, Aldino se foi para o Paraguai das terras férteis. Trabalhou, sobrando-lhe para entretenimento o afeto de outra mulher. A sogra em Santa Catarina alertou Cecília sobre tal situação, o que a deixou abalada. Foi até o Paraguai, mas a que tudo indica, o relacionamento não foi mais o mesmo. Minha irmã continuava seu trabalho de agricultora. Seus filhos prosperaram para alegria dela, advindo netos lindos e fortes. Muitos anos se passaram e ela, por fim, viu Aldino tomar novos rumos retornando para o Brasil. Ela me dizia com funda tristeza de sua insatisfação nas relações, sobrando a alegria dos filhos, filhas, noras e genros. É o que muito dá na vida: um labutado viver de laços difíceis. As circunstâncias podem, por vezes, mais que as vontades e os desejos.

*Buenas*, existe em minha irmã a ventura de filhos e filhas. O tempo da adolescente de 13, se banhando no potreiro do Serafim, fez sua parte. Ela pode justificar suas horas vividas como se fossem de divina inspiração, ainda que as circunstâncias nem sempre concedessem as melhores oportunidades. Mas das oportunidades ela fez o melhor. Cá eu posso dizer do amor expresso numa breve narrativa em homenagem à doce Cecília. Voltemos à casa da Divisa.



Numa das férias de 1956-57 eu a vi contente. Aldino dobrado sobre ela, enquanto Cecília se balançava suavemente. Em 1960 recebi uma carta contendo a foto do primeiro filho, não sei se José ou se Artur. Fui até Muquém em São José do Cedro em 1973-74 com a Solange. Tudo andava um encanto, embora retirasse entre pedras, os frutos da agricultura. Acho que tudo teria sido diferente se tivesse ido ao Paraná, onde o nosso pai deu ao Aldino e Cecília uma colônia de terra. Preferiu o conhecido São José, onde se estabeleceram seus familiares. Percebia, nesta visita, uma ternura muito grande de Aldino em relação aos filhos. Isso me faz pensar o quanto as circunstâncias interferem nos destino humano.

Passados mais de sessenta anos, faço meu preito. Cecília desenvolvia uma obrigação no cuidado dos irmãos, o que merece devoção pela atenção dada a todos. Parecia um anjo de verdade. Suavizava com a ternura os dias difíceis dos filhos do professor, pois nem ao menos tinha um pedaço de terra e menos ainda pertencia-lhe a casa. Vou ao campo e colho uma florzinha pequena e de cor suave. Consolava-me nas minhas noites terríveis quando dormia a sós no sótão. Não havia nenhum fantasma que não me envolvesse perigosamente. Urgia encontrar meu anjo, mas aos meninos não competiam lágrimas ou medos. Quando chegava a manhã, o dia me devolvia minha irmã. Hoje recolheria das águas o suficiente para regar o antúrio entre vermelho e verde. Ela era minha Dulcinéia: já não sei se é a minha vida que governa o peito ou se é ela que ainda me comove. Tentarei captar um raio de lua e um som perfeito para oferecer para Cecília que até hoje apenas sabe que cumpria a austera obrigação de cuidadora. Me comovem as memórias tantas que dela me sobrevivem. Vou ao encontro de meus irmãos e tardiamente os convoca ao agradecimento. E quando murchar a flor do campo, em abril, irei de novo buscar aquela flor suave da cor da qual se cobrem os santos na quaresma. Assim seremos agradecidos entre azuis da





cor dos céus.

As conversas de minha irmã não se esgotam em lamentos. Brillham seus olhos ao falar dos seus. Possivelmente releva os desacertos dos sonhos de amor, porém, não reclama de seus resultados. É esta a razão de minha busca em torno da Cecília: em tudo pode haver muita graça à exemplo do velho vigário em Bernanos. Cada um foi cedo, muito cedo buscar seus caminhos distantes de Santo Cristo. Ela em São José do Cedro, Muquém e eu em Santo Ângelo, o Sílvio em Cerro Largo, mais tarde o Carlos em Santa Rosa e o Antônio no Paraná. Cada qual com seus santos. Eu em casa grande, necessária para meus sonhos nos caminhos vastos do Senhor, de cujos resultados agradeço. Não estou a serviço da comunidade que me serviu, entretanto procuro dar de mim em procriar bondades. Companheiro sou em espírito e ações aos fiéis da congregação da Sagrada Família. Sou grato pela alma que me deram. Fui protegido sob as antigas asas de um anjo. Ela enfiou-se em terras de Muquém, cuja origem pode significar uma espécie de árvore, ou varas firmes para queimar. Tudo se comunga em minha irmã. Quem se chegasse nela sentia proteção de uma árvore, ao mesmo tempo se firmava seu poder de vara firme cosendo alimento para seus filhos. Pois que assim se tenha o melhor. Minha irmã, a Muti, a materna menina, protetora de sete irmãos. Um emblema perfeito para a vida humana: uns sonhos se cumprem, outros não. Lágrimas são vertidas entre alegrias: o mais antigo costume humano. Dos sofrimentos, embora previstos, doem tanto, principalmente aqueles da infidelidade de quem se esperava a maior proteção. Todavia, a fidelidade dos filhos não faltou e ela exhibe, como um troféu, toda a descendência feita de gente linda na feitura latina. Nela se cumpriram os arquétipos, modelos antigos da conquista humana, as Valquírias. Salve rainha, minha irmã cuidadora materna da família original e da sua, erguida em dois países. Navego assim nestes mares bravios de minha terra



natal, e me aparece a figura de minha sereia de 13 anos. Mal sabia do futuro, mal sabia do passado. Tinha minha irmã para contemplar. Ela, então, falou austera: não olhe para mim. Não olhei. Agora me volto até ela para mirar sua história como se visse lonjuras lindas. Querida, minhas virtudes iniciais e as principais são tuas!

Faz poucos dias recebi uma foto de Cecília: Um susto! Era minha mãe escrita! Dizem que quanto mais velhos ficamos mais semelhantes nos tornamos, as mulheres às suas mães e os homens aos seus pais. Parece verdade. Junto dela, a filha Nena. Pois, de fato, os tempos mudaram. Agora, Nena está de olho nos cuidados para com a mãe, levando-a a passear. Junto à foto um dizer: ela tem dificuldade pra caminhar. Pensei, então: caminhou por ela, pelos irmãos e pelos filhos. Atravessaram-lhe alegrias e dificuldades. Lutou feita uma fera na proteção dos seus. Mourejou, merecendo seu pão entre pedras e a límpida água de Muquém. Sinto muito não poder dizer em teu ouvido: uma linda mulher vive em ti. Nós não carregamos o rosto de agora, mas todos aqueles que tivemos. Teus irmãos têm teu rosto cheio de ternura e os teus filhos sabem melhor o quanto te devem devoção. E são eles: Jose Carlos, Luis Artur, Paulo, Ana Maria, Ricardo, Nena Lucia e Jacó Natalino.

Pra não faltar ninguém aqui vão os filhos de Cecília com toda família:

Filhos de José Carlos e Marli: Andreia e Andersom,  
de Ana Maria e Antonio: Andressa e Alisom,  
de Luis Artur e Ivone: Fabio, Andre e Vitor Hugo,  
De Paulo e Ivanir : Solange e Marcelo,  
de Ricardo e Marli: Taisom Ricardo,  
de Nena e João: Leandro, Andresa, e Alesandra Regina,  
O Jacó e a Edineia não têm filhos.



Por certo, tanto Aldino como Cecília, estiverem onde estão, podem ter seus corações contentes com este grupo de gente honrada. Trabalhar em dois países, para tê-los fortes e gente boa, não foi tarefa fácil. Orgulho, também, da família Both! Pena que a distância limita tanto a amizade.

## SÍLVIO, UM VALENTE

A primeira parte deste texto foi produzida pela família do Sílvio. A filha Maria Estér, porém, foi quem compilou, de forma ordenada, as lembranças da mãe Leonora e das irmãs.

Sílvio Inácio Both nasceu em 16 de abril de 1935, em Santa Lúcia, hoje, Caibaté. Aos 05 anos de idade sua família mudou-se para Linha Divisa, Santo Cristo. Na adolescência, foi estudar como interno no Seminário dos Irmãos Maristas, em Cerro Largo. Seu objetivo maior era ser professor. Aos 18 anos concluiu o Curso Normal Rural, no ano seguinte alistou-se no Exército Brasileiro. Aos 20 anos assumiu como professor da rede municipal de ensino na Linha Divisa. Nesse período começou a namorar a jovem Leonora Braun, que morava com sua família nessa localidade. Também exerceu a função de professor por um breve período em Lajeado Pratos, no município de Tucunduva. Meses depois voltou a lecionar na Linha Divisa.

Aos 23 anos casou-se com Leonora. Logo após o casamento, ele e a jovem esposa foram morar em Poço Preto, Alecrim onde ele lecionou por dois anos. Para a felicidade do casal, a Leonora engravidou da primeira filha Maria Isabel, que, por motivo de saúde, veio a nascer em Santo Cristo em 1959. Mais uma vez, volta



a lecionar na Linha Divisa, desta vez, por um período maior, cinco anos, Nesse espaço de tempo, nasceram os outros quatro filhos, em 1960 nasceu Maria Estér, em 1961, nasceu o tão esperado filho homem, Sílvio Vladimir (*In Memoriam*), em 1962, nasceu Maria Salete, a loirinha de olhos azuis e, em 1964 nasceu Maria Marta, que veio completar o Quinteto. Enquanto ele lecionava, sua esposa cuidava dos afazeres da casa, dos filhos, pois como tinham pouca diferença de idade, requeriam muitos cuidados e atenção, também criava alguns animais (vacas, suínos, galinhas), além de cuidar da horta, fazia crochê e bolachas para vender, dessa forma, auxiliava nas despesas da casa.

Quando foi nomeado professor da rede Estadual de Ensino, voltou novamente para Poço Preto, Alecrim. Morou com a esposa e os cinco filhos no prédio da própria Escola, por um período de dois anos. Além de professor, ele ministrava catequese aos alunos e também realizava os cultos quando o padre não podia se fazer presente. No dia da mudança, o pessoal da localidade foi muito acolhedor e solidário. Tudo corria muito bem até que a Maria Salete, então com dois anos de idade, foi picada por uma cobra venosa, ao se agachar para fazer xixi, ao lado da casa. Alvorço total. Providenciaram o único automóvel da localidade, para transportá-la para o hospital do Alecrim. Lá se foram, o pai, a mãe e a filha. Por sorte, a cobra já havia liberado uma parte do veneno antes de picá-la. Após receber o soro ela foi liberada. Enquanto isso, os outros filhos ficaram desorientados, pois se viram sozinhos com muitos estranhos sem poder se comunicar. As crianças praticamente só falavam a língua alemã e o pessoal que estava auxiliando na mudança falava português.

No tempo em que trabalhou como professor em Poço Preto ficou 19 meses sem receber salário. Para sustentar a família, durante



este período, à noite ele fazia contrabando de produtos da Argentina os quais eram transportados em um pequeno barco a remo, muitas vezes, durante a travessia foi perseguido pela gendarmaria, correndo o risco de ser preso e perder a mercadoria. Teve muita sorte, nada disso aconteceu. Sua esposa, por sua vez, além de limpar a escola, também lavava a roupa e fazia as refeições para um casal de professores que trabalhava nesta escola, bem como trabalhava na lavoura de alguns amigos, muitas vezes até em troca de alguns produtos agrícolas. Tempos difíceis. Mas, graças a essa poupança forçada foi possível comprar um terreno com casa em Santo Cristo, pois, já havia recebido um convite para lecionar no Colégio dos Irmãos Lassalistas de Santo Cristo.

Trabalhou como professor estadual cedido para o Colégio dos Irmãos até que a Instituição fechou. Então foi transferido para uma escola estadual, no interior de Santo Cristo, na Linha Vênus, onde trabalhou até a sua aposentadoria, que foi antecipada por motivo de doença.

No período em que seu regime de trabalho como professor estadual foi de 20 horas semanais, ele trabalhou no turno inverso na casa de comércio do Luis Braun, uma empresa da família, por 17 anos. Pois não era fácil sustentar a família com o salário de professor, mesmo que a renda fosse complementada com uma pequena criação de suínos, que ficava sob a responsabilidade maior de sua esposa. Seu trabalho nesta empresa familiar nunca foi reconhecido e a sua decepção foi muito grande.

Em 1983, ele ficou muito feliz, nascia Keli, sua primeira neta. No ano seguinte, um grande susto. Um infarto quase provocou a sua morte. Graças ao rápido atendimento ele se recuperou, porém, posteriormente teve que ser submetido a uma cirurgia delicada para a época – 1984. Foi em Passo Fundo que ele fez três pontes



de safena. Sua recuperação foi surpreendente. Pode curtir muito sua netinha. O tempo foi passando e em 1989 nasceram mais duas netas, a Maira e a Indiara. Quanta alegria! Mas, as netas não param por aí, em 1995, nasceu a Djúlia e, para completar o time, em 1997, nasce a Tainara. Netas muito amadas. Mas também, netas que muito amaram e ainda amam o avô.

Por volta do ano de 2000, o coração novamente dá sinais de cansaço e, são necessárias mais duas pontes de safena. Todos ficaram muito preocupados, em virtude da diabetes, porém novamente a recuperação foi muito boa.

Durante 17 anos exerceu a função de Juiz de Paz, porém sem remuneração, mas, sempre alimentou a ideia de que futuramente conseguiria incorporar esta função à sua aposentadoria. Mais uma decepção, ficou muito frustrado, pois isso não se concretizou. Teve que se contentar com a ínfima aposentadoria de professor por isso, constantemente dizia que era uma vergonha um professor que dedicou sua vida à educação ter que viver com um mísero salário. Ele, como todos os professores da rede estadual moveram um processo contra o Estado, em razão de um reajuste retroativo “Lei Britto”. Esperou o desfecho deste processo com muita ansiedade e expectativa, durante anos. Quando finalmente ganhou o processo e recebeu seu tão esperado dinheiro, já estava muito fraco e doente e infelizmente não pode aproveitá-lo.

Uma das diversões favoritas eram as corridas de cavalo, tanto que chegou a comprar uma égua para correr carreira. Quanta alegria ao comprar a “Martinha” uma égua da qual ele falava com muito orgulho e carinho. Mais tarde, numa corrida ela machucou-se e teve que ser sacrificada. Ele ficou muito triste, porém, continuou indo para as carreiras. Quando já não podia mais dirigir, por causa de problemas de visão, ia de carona com os amigos.



Sempre gostou muito de jogar cartas com velhos companheiros. Jogavam por alguns trocados, e quando ele ganhava, contava como se tivesse ganhado uma pequena fortuna e quando perdia, ficava calado e apenas comentava que não tivera sorte.

A partir de 2012, sua saúde começou a se agravar, a diabetes se acentuou, em consequência, a perda gradativa da visão, logo depois outros órgãos manifestaram problemas, fígado, rins, baço, coração, pulmão,... Neste mesmo ano, uma perda irreparável – a morte trágica de seu filho Sílvio Vladimir, o Mirão. Todos ficaram muito abalados. Tentando aliviar um pouco o sofrimento, foi organizada uma viagem a Sorriso, Mato Grosso, pois a Maria Isabel estava morando ali, havia três anos e a família ainda não tinha lhe visitado. Como o Sílvio já se sentia um tanto fraco, no princípio relutou ao convite. A viagem transcorreu tranquila. Ele ficou muito feliz ao perceber que sua filha estava morando num lugar maravilhoso, segundo ele, “um paraíso”. O passeio foi muito interessante, pois pode rever velhos amigos em Sorriso e em Sinop, além de conhecer vários pontos turísticos da região. Ficou maravilhado com a Chapada dos Guimarães. Que paisagem linda! Gostou muito da tarde em que fomos pescar. Ele pescou vários peixes de médio porte. Admirou-se com as enormes lavouras de milho, algodão e cana, bem como a imensidão dos aviários e a criação de avestruz. Foram dias de muita alegria.

A luta contra a doença foi uma constante durante dois anos, visita a vários especialistas, trocas constantes de medicamentos, a cada dia ele se sentia, mais fraco, mais desanimado. O que o deixava muito triste era o fato de não poder ler o “seu” jornal, não poder assistir seu time jogar, não poder jogar carta com os amigos, muito menos assistir às corridas de cavalo nos finais de semana. O único entretenimento que lhe restou foi ouvir o seu radinho a pilha. E



assim, ele foi perdendo a alegria de viver... Porém, lutou até o último minuto, sempre mostrando seu lado forte e guerreiro. No dia 12 de junho de 2014, faleceu, deixando muita tristeza e saudade.

Foi um homem justo, sensato e honesto. Apesar da educação rígida, passou aos filhos valores importantes. Grandes e valiosos ensinamentos. Sempre tinha uma palavra de conforto ou um sábio conselho quando precisavam.

Foi um avô muito carinhoso, sempre preocupado com suas netas, com certeza, elas jamais esquecerão suas piadas, seus conselhos, nem mesmo os xingões... Têm muito orgulho do vô Silvio, para elas, ele é um herói! Avô lindo, com aquele bigodinho impossível de esquecer, aquele rosto perfeito, mãos grandes, voz tão suave...

Toda família sente muito a sua falta... Mas, sabe que agora ele está melhor, não está sofrendo, muito pelo contrário, está ao lado de Deus.

### **Agora eu puxo as lembranças:**

O segundo dos filhos de Genoveva e Júlio veio, sem demoras, depois da Cecília. Era meu modelo maior. Meu inspirador de time e de histórias. Das mais simples até a mais terrível: ver um filho morrer: o varão assinalado para representar sua corte familiar não suportou seu viver. Não conseguiu vingar em sua natureza frágil. Resultou morrer de uma tristeza funda, comprovando-se de maneira cabal a complexidade humana. Se a maldade surgiu na criação do homem há de se perguntar: a onisciência divina não saberia em que daria a humana criatura? Por que fazê-la do barro, renunciando-se a fraqueza? Ao Mirão nada se ponha de culpa, nada, pois à criatura





se inoculou a extrema dificuldade. Vi, então, meu irmão chorar. Ali se perdia a austeridade e a sua força. Não havia consolação, mesmo se sabendo do que pode ir no coração dos filhos. Nem bem se passaram dois anos, também o valente irmão soçobrou. Tanta luta pela vida do filho. Diante da morte perdeu a vida, enquanto vou adiante com minha alma também soçobrada. Mas das coisas feias ditas quase ao fim de minha velhice, tenho mais o que dizer. Como poetou Dante em seu primeiro canto

*A meio do caminho desta vida  
achei-me a errar por uma selva escura.*

.....

*Ela era amarga, quase como a morte!  
Para falar do bem que ali achei,  
de outras coisas também direi.*

É isso mesmo, se a morte teve sua redundância em torno de meu irmão, direi das melhores sortes e valentias para obtê-las: vou escrever de seus incontáveis bens. Seu braço forte nunca duvidou ao ter pela frente as maiores vicissitudes. O que nunca lhe faltou foi a melhor virtude “*con una voz antigua de los heroes en el pecho*”, diria um poema. Olhava para os seus com destemor, mesmo que a sorte à beira do Rio Uruguai nem sempre lhe sorrisse. Aí, no Poço Preto do Alecrim, meninos e meninas aprendiam letras, números e costumes. Esta história de ser professor tem idade e lugares. É quase impossível avaliar quantos foram e quais benefícios concedidos às escolas por onde ministrou suas aulas. Como um peregrino do saber andou por muitos lugares, já atestados por Estér.

Desde muito cedo de minha idade, comecei a perder minha



gente. O Sílvio, por decisão paterna, foi estudar em Cerro Largo, escola de preparação de professores rurais. Meu pai sabia que, na Divisa, as circunstâncias não sorriam pra seu filho.

O entardecer sempre traz suas perplexidades. Quando vi, um Ford 29 levava o Sílvio para estudar. O primeiro vazio fundo. Meu pai satisfeito olhou com alegria, contrastada com a tristeza dos irmãos, ele se foi entre poeiras suspensas. Anoitecia também em mim. Assim se foram os primeiros meses de 1948. O primeiro a buscar fora de casa seu destino. Mais dois anos de estudos e houve, bem lembro, algo a ser reparado. Contra a vontade do Pubi, meu pai obrigou-o a voltar. Assim se fez. Sem estudo o que seria dele? Apreciei, então, contente a decisão. Já o tinha como alguém que se faria professor, impulsionado por força superior. Quando vinha de férias, suas histórias me animavam a pensar: também vou estudar. Dois eventos me fizeram ver as limitações de meu herói. Fui assisti-lo jogar pelo Aurora de Cerro Largo contra o Paladino de Santa Rosa. O Aurora estava mais para anoitecer: levou uma surra do Paladino. Meu herói não era mais o mesmo. Tinha-o como super-homem e perdera por 4x1. Entretanto, trazia histórias alegres de apresentações de Cerro Largo. Me ria todo ou chorava com histórias de animais e homens. Pois minha alma também se criou pelas palavras de meu irmão.

Vi meu pai glorificado no dia em que foi assistir a formatura dele. Punha no mundo alguém de razoável valor. Começou com parco salário pra dar conta do aprendido. Em pouco tempo foi parar em Poço Preto do Alecrim. Ali prevaleciam os caboclos pescadores, e outras famílias cujos sobrenomes denunciavam a origem: Colossi, Vinhaski, Spohr, Brasil e outros, todos peleando nas costas do Uruguai. Aí sim, é o que havia de um universo cultural das diferenças. O rio emprestava o dorso de suas águas para muitas serventias: contrabandos de dupla via, gados indo, vindo



farinhas, vinhos, óleos, cervejas e outros mantimentos. Todas as raças reunidas, escondendo a solidão em conversas diversas, e em pequenos interesses de sobrevivência. Findando os anos 50 fui visitá-lo. Férias inesquecíveis. Respeitado professor, meu irmão, dizia eu de peito ancho. Já cinco filhos vindos pra alegria de Leonora, fiel à vida, entre pedras e calores da costa. Havia luta de desmanchar virtudes. O pior veio como um raio. O salário virou esperança. Por equívocos burocráticos ficou na fortaleza de sobreviver de contrabando e das pescas do rio, enquanto trabalhava para um estado moroso. Quem na capital pensaria nas angústias de um professor? Continuava no tranco de ser professor, pra isso se preparou, arrostando os perigos dos negócios com a Argentina. Meu Deus! Sobreviver por 19 meses sem salário era dose elevada demais e, metido entre sustos, que a gendarmeria de lá não dava moleza e a polícia de cá não dormia. O que o magistério não dava, outra pátria poderia dar. Vendo crescer os filhos desse jeito, não se abateu: minha gente, quatro meninas e um menino, vai ser mais atilada, peleava olhando o futuro. Não vão viver as dificuldades do pai. Os movimentos não foram poucos. Leonora é que se havia para alinhar suas crianças na beleza possível e nos trabalhos intensos. Lembro os cinco sempre impecáveis. Por fim veio a notícia: recuperaria os 19 meses atrasados. Sujeira do estado, desaforo público. Do sofrimento resultou o positivo: aprendeu tudo do rio e de suas alternativas. Desde o negro Brasil mostrando os segredos das pescas até as riquezas do outro lado. Aprendera pintar de branco as bordas da canoa, pondo dúvidas entre a farinha e a pintura. A bondade de Deus se expressa também na esperteza de quem sofre. Mais positivos apareceram. Comprou largo terreno em Santo Cristo e pelejou pra ir pra perto da melhor instrução. É o que tiveram suas filhas. Formadas em alta instrução e de melhor salário. Nunca mais Poço Preto, pensava meu irmão. Foi parar na Linha Vênus e, pra melhorar um pouco o salário, lecionou no colégio



dos irmãos em Santo Cristo. Uma grande conquista. Eu apreciava suas conversas entre cavalos e galos de rinha. Por estes animais projetava suas valentias. Tentava me ensinar os procedimentos destas duas competições, revelando segredos e espertezas. Olhava pro horizonte, descrevendo os eventos principais de suas glórias e derrotas como carreirista. Me levou numa das carreiras, me mostrando a sua égua de melhor estirpe. “Que tal, gostou?” “Qual a graça numa carreira?”, perguntei. Olhou-me com piedade por não ver a beleza dos parelheiros. Desculpei-me dizendo: “Não vi graça num minuto de peleja.” “Você não viu que o primeiro não deu tudo? Ele tem mais trigo no saco que é pra amarrar outras corridas.” Eu mostrando interesse louco pra ir pra casa. Ele aí com seus amigos: pelo ânimo, teciam comentários valiosos. Fomos para casa. Ele continuava em embevecidas palavras, avaliando cavalo por cavalo. “Você não viu aquela belezura de tordilho: ele veio da Argentina. Conheço o dono, desde que vivia em Poço Preto.” Aquele dia não estava para tratativas de afetos familiares: os animas valiam mais que os gostos do irmão. Isso é que é bom de passar o tempo. É verdade, os cavalos daqui acho que não competem com os de Passo Fundo. Os nossos cavalinhos não terão nunca condições de se medir com um deles. Da próxima vez vamos ver uma corrida melhor. Voltei pra Passo Fundo. Apesar da violência, tinha preferências por galos. Trazia ainda vestígios de minha infância quando guri botava a pelear até uns mestiços pra disputar valentias. Nunca venci uma rinha. Quando preparava um perdedor a que não se mixasse, minha mãe pôs minha ave na panela.

Pois o mundo de meu irmão está cheio de bondades. Lembro-me de 1964, ele propõe aos seus pequenos alunos juntar um dinheirinho pra comprar uma eletrola pros seminaristas de Santo Ângelo. As horas de domingo, postas ao som, foram, então, melhores.



E nas festas de Poço Preto. Nossa! Fim das comemorações, era certo: caboclos tontos, tirando diferenças à facção. Lá ia o professor pôr ordem na desordem. Amansar raivas antigas em conversas de paz. Não era pra qualquer um fazer cidadãos de caboclos bravios. Só um professor de linhagem pedagógica, vinculada a um talento sonhador, podia arrumar o que estava em desalinho. E aprendiam. Nas migrações para outras cidades, conseguiam se dar bem. Tiveram aulas em Poço Preto. Imagino-o, sem nada receber, tirando à noite sobre o rio o necessário para o pão, e outro dia inteiro desdobrando inteligências: uma missão impossível, feita realidade. Bondades sem fim. Não esqueço de sua labuta mal reconhecida por um cunhado: “Teu irmão vende coisas tirando de meu pai o direito de vender.” Respondi: “Quer que tua irmã morra de fome?” E assim se iam os dias pra tirar o pão das águas, das pedras e das barrancas. Seu espírito assim se fazia forte e de histórias tantas. Leonora, mulher forte, exígua de tamanho, respeitável em atitudes para providenciar recursos de bolos e da lavoura, das verduras, dos milhos, das frutas, das mandiocas, das batatas, das uvas, das frutas do conde, das laranjas e de tudo mais que brota da terra. Sem esquecer os moranguinhos, os mais deliciosos, de cujo sumo ainda me fazem água na boca. As flores e as folhagens ainda há de se ter notícias pra competir com aquelas criadas em seu jardim. Não me disseram, eu vi. Disso saiu o primeiro carrinho. Hiperativa, nada lhe fugia da atenção sobre os cinco filhos. E sempre o menino, o mais agitado, exigiu redobrados cuidados desde cedo. A mãe, a grande proteção. Sílvio pra compensar o pouco salário, que professor não tinha remuneração suficiente aos cuidados de uma casa. Foi trabalhar em casa de comércio, e depois juiz de paz. Filhos começando universidade e lá se iam as economias. A dignidade peleia como louca em meio às escaramuças. Assim se aposentou com lágrimas pelo minguido resultado de seus esforços pra combater a ignorância infantil. Peleou na Linha



Vênus que de prazer tinha pouco nestas andanças de magistério. De tudo que sei dele, prefiro lembrar momentos esparsos de sua companhia. As pescarias, poucas e breves, sobre o Uruguai. Noite densa enquanto os distraídos patis e os pobres ferrudos morriam pelos anzóis. Muito mais tinha eu de ouvir as vozes sobrevoando as águas: os ribeirinhos falando sobre elas: vão tomar banho, tratem os porcos, vacas mugindo, assovios, canções, cães latindo. A noite se adentrava. A lua despontando sobre as ondas. “Vamos pra casa.,” falou Sílvio.

Por falar em pescarias... aprendi dele suas espertezas. Duas aceitáveis nos critérios ambientalistas e duas inaceitáveis. As duas primeiras são sutilezas pra enrolar peixe: sujar a água nas cabeceiras. Os peixes ludibriados entendiam como chuva e a chuva se traduzia por alimentos vindos das águas correntes. A segundo era dobrar-se sobre as pedras maiores. Então, os dois braços se estendiam nas duas saídas pra apanhar peixes escondidos. Mas, a natureza reserva sustos: lembro bem da cobra acuada numa das pedras, ergueu-se toda a ver o tamanho de quem se atrevia invadir sua habitação. O Sílvio olhando pra cobra, frente a frente. Ela morreu pelo atrevimento. As duas inaceitáveis: com uma marreta desfechavam-se golpes rudes sobre a pedra. As bexigas natatórias estouravam e os peixes saíam das tocas. Como não mais tinham a defesa, nadavam sobre a superfície, sendo vítimas fáceis dos predadores. Coisa feia de se fazer. O segundo ato de violência se dava em se formar um dique nas margens do pequeno rio, sabendo-se que nas tocas residiam os peixes. O pequeno volume de água formado entre a entrada e a saída era, então, esvaziado. Os habitantes aí residentes saíam desesperados em busca de água que lhes era roubada. O perigo residia em não aparecer peixe uma vez que o interior da barranca possuía água suficiente para mantê-los protegidos. O crime era maior ao se esquecer de desobstruir o fluxo da água. Senti muita culpa e meu irmão também pelo mau cheiro



na próxima pescaria. Por isso penso sobre as formas perversas de se lidar com a natureza. Existem outras tantas, de pior expediente. Me confesso penitente das praticadas e peço orações aos peixes pra que não encontrem mais, em suas águas, criminosos com tal perfil. Aprendi os segredos todos de uma boa pescaria, das maldades e dos perigos das barrancas. Dizia-me ele: se você andar, no rio Uruguai, de canoa sob os pés de sarandi ou de ingás não se assuste se ouvir um grande sopro de asas sobre tua cabeça. Pode ser o pouso dos anus pretos ou brancos. São apenas pilinchos que dormem, voando assustados. É disso que numa noite escura quase morri. Trazia mais de dez sacos de farinha da Argentina. Meu Deus, que tempos eu vivi! Havia me escapado da gendarmeria, ainda de coração na boca. Costeava já do nosso lado, quando a revoada horrível se fez sobre mim. O negro Brasil me explicou a causa. Entre risos aprendi as asperezas do viver de Sílvio.

Sem teus cavalos, sem o rio de tuas valentias, longe dos sonhos do Mirão, os olhos apagados, já não vês a cor vermelha de teu time, *entonces, ny las morochas ny las blancas miravas ante tu casa, ny tu querida Leonora tan amable y fuerte. Ny más los boleros que dançabas con ella. Una muerte complaciente se tomo, mas que la vida!*

Por certo não mais ouvirás a voz austera dos comerciantes do outro lado te avisando de cuidados. Tudo muito longe de tuas narrativas de compadres e amigos nas correntezas do rio Uruguai. Pois me dizias tais tropelias de pescarias e chibos: duvidei. Não mais duvidei por ver o sentimento que te foi no rosto por não ter meu reconhecimento em teus esforços de viver e sobreviver. Que a vida tem disso, de fato, mano, às vezes é tão sem saída que só grandes perspicácias dão conta. Passada ou narrada a aventura, que até Deus duvida de teus feitos. Foi tão bom te ouvir nos calores de



minhas férias em Poço Preto. Mas muito mais difícil foi o cotidiano de receber tão pouco, seja na Vênus ou na Divisa pelo muito feito e pelo pouco recebido. Assim que a glória dessa lembrança seja um pouco como parca recompensa. Os meus agradecimentos de poder escrever, tendo agora melhor tino do passado. Comungo tão bem a vida hermana! Acho minha alma melhor e se for digno de partir melhorado por tuas lembranças, que assim seja. Mas te orgulhe a memória pelos feitos de tuas filhas: Isabel, Estér, Salete e Marta.

Me dizias também das injustiças em trabalhos feitos. Sei do custo de teu perdão, afinal viste bem o quanto se anda sozinho e em certos momentos não temos mais esperança.

De tuas filhas não vou falar. Todas elas de menção por méritos de seus esforços aprendidos. Uma labuta constante. Nenhuma delas ficou a dever de teu compromisso com a vida. Nelas tudo se passou quase no invisível, floração, fecundação, e maturação. Assim Lawrence falou num poema frugal. Verdade, só as via em rápidos instantes. Dizia a Estér, no nascimento da Keli, “A mãe me ajuda a cuidar.” A Isabel teve a sua pequena e com ela bem jovem se foi pras lonjuras. A Marta com suas duas não se descuidou em me dizer de suas belezas. Mirão, que me dói no coração. Viveste pouco, guri. Ninguém consegue devassar a intimidade mais profunda. Salete de olhos azuis, tão lindos! Jamais vou esquecer os seus alunos em procissão, expressando: professora, também em nós se morre um pouco a alma na despedida de teu pai.

Brinquei com ele, falecido. Bem que poderia viver mais. Os cabelos prateados e inteiros ao comparar com os meus de um branco absoluto e raros, pensei: o velho sou eu. Desse jeito, mano véio, ainda prefiro os meus. Não te riste! Falecer é isto: a gente não ri mais. Morto? Não! Falecido, que te vives como poucos em mim e nos teus! Conte um pouco mais... Olhei bem pra ele: aquele mano





quieto nada tinha a ver com quem conhecera. Preferia vê-lo metido entre balas nas margens do Uruguai e sobre uma canoa, pescando. Seus movimentos vigorosos cessaram, mas não aqueles que vivem em minha memória.

### **BENTO, O TERCEIRO: UM HOMEM DE FÉ**

Pedi pra Cristina escrever alguma lembrança importante do pai e ela gentilmente escreveu e me disse. O pai nasceu em quatro de fevereiro de 1938.

Um costume que marcou minha infância e a de meus irmãos, era o de brincarmos e trabalharmos sempre juntos.

Íamos para a roça de manhã bem cedo, passávamos azeite nas pernas para os mosquitos não nos picarem e saíamos com nosso pai na Brasília. O trajeto era marcado pelo silêncio de todos dentro da Brasília. Muitas vezes, aproveitávamos para terminarmos de comer o pão do café. O pai nos deixava e retornava rápido para dar suas aulas.

As manhãs eram longas, cansativas, mas também divertidas. As conversas e o lanche da mãe ajudavam o tempo passar. A batida do sino era muito esperada. Ele tocava 11h30min e, em poucos minutos, o pai chegava para nos buscar para o almoço. À tarde, retornávamos para mais um turno até que o final da tarde chegasse para podermos reunir toda a vizinhança para jogarmos vôlei até que a noite chegasse e não enxergássemos mais a bola.

Recordo-me muito das brincadeiras no sótão do casarão, onde existia um quarto com roupas antigas: eram saias e vestidos com



muitos panos e longos. Lá passávamos tardes e tardes brincando. Lugar onde ninguém nos enxergava, mas nós tínhamos visão de quase toda a vila através da janelinha daquele quarto quente. Sem contar a escada interna que dava acesso a essa fantasia. Quem completava 15 anos ganhava um relógio. No aniversário da Edite, a mãe fez um almoço muito bom. Os pratos ficaram todos virados na mesa. Quando a Edite desvirou o dela, encontrou seu presente embaixo dele. Era muito bonito, com fundo azul. Minha querida irmã chorou de felicidade.

È claro que brigávamos também. Afinal, éramos seis. A Orlene era boa de briga. Como era a menorzinha, para não machucá-la, não nos defendíamos.

Quando brigávamos, se voltássemos tarde das nossas brincadeiras nos vizinhos ou quando insistíamos em desobedecer, com certeza, éramos castigados. Ninguém escapava do castigo: de joelhos no canto da geladeira ou, pior ainda, no pátio, onde todos que passassem na estrada nos veriam de joelhos.

Ponho ainda as lembranças da Ângela sobre seu pai:

Não tenho muitas histórias a contar do pai. Sempre foi caladão. Lembro de algumas coisas que dizia e percebia:

Se não passar de ano vai para o cabo da enxada.

Nem sei por que dizia isso. Íamos para o cabo da enxada todos os dias durante as férias. Aquela plantação de soja que nos deixava molhados e os chinelos de dedo pesados devido à terra molhada. O Sol quente secava a roupa e até a hora do sino tocar (11h30min) o barro do chinelo também já estava seco. À tarde, após um breve descanso voltávamos. O Queco era quem mais trabalhava. As enxadadas dele rendiam de montão. As do César, nem tanto.



Quando não dávamos conta do recado, alguns boias-frias ou filhos de agricultores da L. Divisa eram contratados.

Num sábado à tarde, pai estava fazendo a barba naquela baciazinha de alumínio, na varanda que ficava ao alto. Eu cheguei, o pai olhou pra mim e perguntou se estava com dor de cabeça. Meu semblante devia estar bem feio ou ele com a sensibilidade bem aflorada.

Antes da confirmação da doença da Dite, ele era o único que, quando vinha nos visitar sempre perguntava se ela já havia tratado o carocinho da bochecha. Dizia que tinha preocupação com aquilo. Na época ela tratava apenas com um dentista que dizia ser uma glândula salivar entupida. Parecia que o pai tinha suas suspeitas.

Quando da minha doença, em 1979, para me dar a notícia que iríamos a Porto Alegre para tratá-la, disse que eu iria fazer um passeio e conhecer a capital e iria aproveitar para fazer uns exames. Que sutileza! Em nenhum momento comentou que a doença era grave e que por isso viajaríamos.

Quando éramos pequenos, o pai, em período de férias da escola, junto com alguns amigos, passava acampado durante uma semana à beira do Rio Camaquã para pescar. A mãe fazia uma fornada de pão sovado para levarem. Carregava uma cama de campanha barulhenta, que quebrava o galho em casa quando chegava alguma visita para dormir. Quando voltava da pescaria trazia muitas latas com os peixes fritos.

Durante a quaresma, antes das aulas das sextas-feiras, o pai, juntamente com os outros professores (Pedro e Tio Carlos) nos levavam à igreja para rezarmos a via-sacra. No mês de maio, rezávamos um terço de rosário.



Não posso deixar de inserir uma quase tragédia entre a Ângela e a Orlene. *É vero*, o perigo já rondava a pequena Lene:

Um episódio aconteceu entre mim e a Orlene. Nossa casinha de lavar roupas ficava a cem metros distantes de nossa casa. A água que vinha do poço estava sempre na temperatura ideal. No verão, fresca e no inverno, morninha. Num dia qualquer, quando a Lene tinha, no máximo um ano e meio, estava calor e eu, como estava cuidando dela, levei-a junto comigo até à casinha. Coloquei-a no tanque e a deixei brincando enquanto separava algumas roupas. Quando olhei, não a vi. Me aproximei do tanque e percebi que estava no fundo do tanque cheio d'água. Peguei-a. Estava roxinha. Não reagia. Joguei-a pro alto várias vezes, coloquei de cabeça pra baixo. Por sorte numa das jogadas para o alto voltou a respirar. Que sustão!

Pra completar a família Cristina informou sobre os netos do pai:

Do Engelbert Eyng e Angela Maria nasceram os filhos:

Ingo Guilherme, Victor Augusto e Júlio Gabriel.

Da Cristina e do Paulo Canabarro:

Marcela,

Do Cézar e da Lígia:

Pedro Bruno e Rafael,

Do Marcos e da Orlene:

Marcos Vinicius.

Digo muito pouco do Bento, pois saí de casa ainda menino.

Bento de nome e de valor. Se alguém desconfiar não merecer o reino dos céus quando lhe falecerem as forças, peça um ingresso



ao meu irmão, Bento Félix Both. De todas as figuras humanas entre leigos, padres, bispos e outras hierarquias, o mais confiável nas questões de Deus é ele. Mais tarde providencio os argumentos. Assumi com dignidade todos os tormentos de um pai. Vi o homem ereto como uma estátua do alto de São Pedro, arrostando os ventos fortes que se abatiam em sua casa. Dele eu digo o que disse Bachelard de uma casa. Chamo, então, a morte de fera, a terrível Caetana, a devassa.

*A casa lutava bravamente. A princípio ela se queixava; as piores rajadas a atacaram de todos os lados ao mesmo tempo, com um ódio nítido [...]. Mas ela resistiu. Quando começou a tempestade, ventos mal-humorados dedicaram-se a atacar o telhado [...]. Mas ela curvou o dorso e agarrou-se ao velho vigamento. Então outros ventos vieram e, arremessando-se rente ao solo, arremeteram contra as muralhas. Tudo se vergou sob o choque impetuoso; mas a casa, flexível, tendo-se curvado, resistiu à fera.*

O canto de Jó, pela beleza e verdade, se aplica, também, ao mano Bento.

Rigorosamente, de acordo com Borges, o capítulo sétimo de Jó é uma obra prima, pois o narrador faz da humilhação e da desventura uma tinta da qual se revela uma obra prima para a arte poética. Se aí se revela a condição humana em penúria, em meu irmão a penúria se revela em resistência por sua fé cristã. Bento igual a Jó pode expressar-se no canto sete.

*Não é acaso uma luta a vida do homem sobre a terra?*

*Como o escravo suspira pela sombra, como o assalariado aguarda o pagamento, assim tive por ganho meses de decepção, e o que computei foram noites de sofrimento.*



*Se pequei, o que foi que te fiz, ó espião da humanidade? Por que me tomas por alvo, a ponto de eu tornar-me um peso para mim mesmo?*

Bento, porém, recolhe maiores forças dentro de si. Está plenificado na crença de uma salvação bem maior. Se Jó perdeu todos os filhos, Bento perdeu a metade. Os suspiros de dor são menores que seu canto de fé. Está fortalecido pela criação de um lugar de seu refúgio. Um sentido na ressurreição faz bem pela razão de saber da salvação dos seus três peregrinos da eternidade. Santo Deus! Se ele se conforta pensando em Deus, eu diria que se Ele quisesse um só dos que se foram, que fizesse um para ele. Se foram o Ricardo, a Dite e a Orlene. Eram minhas sobrinhas, mas chorei como um pai. Deixa dizer mais pra não doer tanto: a Solange, a Fernanda e a Tati em comunhão perderam o que não se pode perder, a palavra do Ricardo e da Orlene que eram constantes, ampliando a alma de minha família. Tiveram vida plena na grandeza da juventude. Rebentamo-nos. Mas, se a vida está aí, não pode ser renunciada. Temos bem perto a Cristina e eventuais conversas com a Ângela e com o Cézar. Mas basta de rever dores, vamos ao homem e os seus. Se o sol sofre de nuvens, indo mais alto se vê melhor. Me grudei em minha casa, acho que é por isso que pareço um tatu: amo minha toca. Receio os cães que andam por aí. Ainda neste mês de setembro matei um que quase me devora! Retorno no tempo.

Me mandou a foto de sua namorada Leonila em meu Noviciado em Palma Sola, 1960, Santa Catarina. Logo a seguir começaram a vir os filhos. A vida urge mais que a morte. Estava feliz. Também professor. Estudante para melhor atender as exigências do município de Santo Cristo. Fez em regime especial, o curso de magistério. Ao ensinar agregou o serviço da paróquia



como ministro para os serviços de Deus. Renovou seu aprendizado religioso sendo reconhecido pela comunidade. Pregador de boas e belas palavras. Ouvi por duas vezes suas ideias em torno da Família e da Caridade. O seu discurso da família foi uma perfeita obra de oralidade. Desde as crianças até os avós sabiam que uma casa é um lugar de exercícios de virtudes, o amor, a primeira. Seu trabalho ia da roça ao magistério.

Pela tradição alemã coube a ele a responsabilidade do cuidado de nossos pais, Júlio e Genoveva. Em princípio, cuidar dos pais parece ser um serviço gratificante, pois bem, o peso pode ser extremado quando surge a dependência, principalmente, quando a mente já não brilha mais. Enquanto nossa mãe vivia, tudo se ia bem, mas a partir do momento em que nosso pai sofreu um AVC, 1963, tudo se complicou. Nove anos depois, a mãe partiu aos 65 anos. A leveza do cuidado começou a desaparecer quando meu pai trocou a lógica pela demência, agravada por transtornos de Alzheimer. Cuidados especiais foram praticados por minha cunhada. A Leonila se desdobrava entre filhos e o sogro. Foram 18 anos de cuidados. O falecimento de nossa mãe, 8/09/1972, deixou ao Bento a atenção ao pai, falecido em 10/06/1990. Dos 18 anos, cinco foram de extrema angústia pela desorientação do pai. Pois o que se diz dos cuidadores, cai com exatidão e justiça ao Bento e à Nila: não são anjos que cuidam, mas alguns deles estão assim, tão amáveis, a ponto de entregar sua própria saúde para que os dias e a morte sejam mais suaves, lembrando antigos costumes. Alguns escravos e familiares mais íntimos entregavam-se à morte para acompanhar, em outras paragens, os peregrinos. Por conhecerem os seus, não teriam medo da escuridão e do mistério assombroso. Os cuidadores são semelhantes aos escravos e aos familiares de amável companhia. As perplexidades são assim divididas. A liberdade dos dias se vai por águas abaixo e não se movem mais os moinhos da independência.



Aquilo que nele habitava já não era meu pai. Meu irmão e a Leonila seguraram esta miséria de um corpo de alma quebrada, no osso do peito.

Assim foi, e, depois, dia 06/12 de 1991, a maior dor: falece em acidente o filho José Ricardo. Se foi o Queco, quase um filho por conviver por sete anos em minha casa. Duas dores tive, insuportáveis, a dele e da Orlene. Assolados todos por um tempo de dores.

Piauí dos meus sonhos, recebeu nos calores de dezembro o corpo do meu piá. O pequeno lugar da Divisa dia 8 de maio de 2008 recebeu Orlene, donde não deveria ter saído. Uma amável mulher. Por vê-lo assim me impressiona a fortaleza fraterna. Penso em rochas, penso em mares bravios, em fortalezas e na profunda dor. Tudo se associa sem lamentos. Penso em Bento e me vem recordações amáveis dos finais dos anos 50 ao visitá-lo, em ponte do Prates, moinheiro de nosso tio Guilherme. Aprendeu trabalhos de roça em Três Passos, supervisionou os trabalhos das terras do meu pai. O tempo é bom remédio para recompor bondades e perdões. Alegria de ser família pode aliviar certas dores. Dos trabalhos da terra tirou seu sustento por razões de cuidados dos pais: antigos costumes. E esta terra tem histórias.

Ao filho Cézár não apetecia os trabalhos da roça. Mal se fazia uma nuvem: “Pai, o tempo está feio, vamos para casa.” O esforço muscular não cansava tanto quanto o tédio do serviço. Seu irmão Ricardo, goleiro dos campos de Santo Cristo, não levava muito jeito com a bola. Seu lugar era o gol. Sabendo do cansaço do Cézár, esse bom de bola, Ricardo dizia: “Deixa que eu faço as tuas carreiras de milho. Assim vai estar descansado pro jogo.” Os dois sabiam das combranças do pai, que o pão não era de graça. Rolavam outras histórias recaindo sobre o Cézár a mais singular: O pai, também professor, proibia as caçadas de qualquer ave. Não obstante, lá se foi





César na hora do recreio se fartando de matar andorinhas nos seus voos. A volta do recreio é que foi! Quem matou as andorinhas? O César!, veio a denúncia. O professor foi implacável, dando a justa lição ao aluno: cortou as duas borrachas do estilingue. Horas de pois falou mais alto o sentimento de pai: em casa, refez o bodoque que o professor cortara.

Nem ao menos a Ninha, a primeira filha, escapou do duro aprendizado exigido pelo professor. A Ninha, Ângela, da segunda série do ensino fundamental, não tinha jeito de aprender a tabuada do sete. De castigo, com seus braços estendidos, sentiu a necessidade de aprender. Não comeu nada durante o dia todo. A mãe Leonila angustiada, por vê-la assim, perguntou: o que há contigo, filha? Não sei a tabuada do sete!

No início de sua adolescência, começou com intensas enxaquecas. Na primeira vez que foi atingida pelo mal, ao mostrar seu rosto sofrido, seu pai perguntou: não está bem? Tenho muita dor de cabeça. Atencioso deu-lhe, então, um comprimido. Questionada sobre o remédio, respondeu. O que me fez bem? Não sei se o remédio foi meu pai, ou o comprimido ingerido, confessava mais tarde.

A Cristina ficou ferida por terem roubado as galinhas do galinheiro; perda irreparável. Caminhou por vários quilômetros pra trazer dois cusquinhos em defesa do patrimônio. Arrependeu-se por ver os esmilinguidos bichinhos. Entrou em conflito. Ao ver as duas crias sem a mãe, apiedou-se delas, não sabendo se ficaria sem os animais ou sem as galinhas.

Orlene a menorzinha, quase devota do pai. Para elegê-lo para o legislativo de Santo Cristo, fazia os cálculos sobre os votos a serem colhidos na Divisa. Caminhou muito de casa em casa, levando os panfletos. O pai dizia da urna de uma das urnas: “Daí não tiro



voto”. “Deixa pra mim, pai, vou passar de casa em casa.” “Mas é longe e, você, pequena.” “Eu vou.”, respondeu Orlene. E foi. Somou cinco votos de onde nada se esperava. Assim César e suas irmãs comemoravam o aniversário de setenta anos dele. Ao ver o DVD do evento, me doeu ver o que hoje não mais se vê. As duas filhas: a Dite, está de face sulcada, revelando o mal que lhe roubaria a vida logo depois; e a Orlene, poucos meses após, partiu precipitadamente. Se fazia em todos uma intensa memória do Ricardo. Este já havia se ido quase vinte anos, muito mais havia para feri-lo. Mas aí é que me refiro a Jó. Se Jó xingou a Deus, meu irmão apenas falou: tudo já se consumou.

Só pra ver o seu tamanho: quando levaram Orlene, de Passo Fundo pras exéquias na Linha Divisa, ele agradeceu aos amigos pelo tempo e pela amizade que tiveram com sua filha menor. Meus sentimentos foram os piores. Me calei com dores entaladas. Mais tarde apenas brinquei, num jogo de canastra. Vou bater em vocês dois, já que a vida está leve. Estão tranquilos. Na pior dor, urge brincar pra guentar o tirão que se avoluma. Mas deixemos de falar de dores. Outros fluxos de ternura tem mais a ver.

Isso pede um reconhecimento para que saibam todos do tamanho do homem. Por isso brinco dizendo: quando morrer não me arriscarei penetrar em melhores paragens. Vou esperar os ingressos de meu irmão. Pois bem, mano veio, o mais moreno: pra suportar os sóis dos raios calcinantes. Este, sim, por mais contrários que pareçam os eventos, lê satisfeito: não vos perturbe o coração. *Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? E, quanto ao vestuário, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo,*



*como eles crescem; não trabalham nem fiam; Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe, e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós? Este é o cara! De fato, contra a fé não há argumentos.*

Se da santidade de alguém se pode inferir a grandeza humana de um lugar, também pode ser dito de suas contradições. Me reporto / Reporto-me então de um dos garotos de lá. Fera era ele. Era capaz de quebrar o queixo de uns grandalhões prevalectidos, de outra mostrava tinha um lado assustador. Que o diga o Bento quando o rapazote com o fuzil, ameaçou meu irmão. Viu Bento os terríveis olhos, e o rapazote de fuzil na mão. Ele ia me matar me garantia o Bento. Corri pelo milharal em pendões. Me esbafori todo de tanto correr. Ele se ria tanto do amarelo dos pendões na trilha feita. Desse rapazinho do fuzil, o Sílvio deu um testemunho de natureza imaginária. Eu o vi feito um diabo. Não ria! Eu vi. Contorcia-se sobre a grama, todo vermelho. Lembro, foi na curva do riozinho aí no Serafim. Apanhei meu anzol, já quase noite e corri até em casa. Não vou esquecer o tiro dado no primeiro assassinato da Divisa. O atirador era o rapazote. Minha mãe me falando pela manhã: “Ele matou o Alvis. Vai limpar a pá e a enxada para a cova.” Em tempos difíceis é mais fácil obedecer. Forma-se um clima para a obediência.

Meu irmão, adolescente, seguia seu destino buscando ver por onde andar. Foi inventar de jogar por dinheiro. Meu pai impôs: “Me dá a certa.” Deu. Senti a vergonha dele por submeter-se daquele jeito. Me doeu / Doeu-me a humilhação. Isso se deu enquanto serrava uns paus para a cozinha. Assim o certo se aprendia na marra. Por vezes, até no excesso dos pais quando um esquecimento estivesse prejudicando o trabalho que devia andar. Bento levou a pior de nossa mãe e foi tão mal o feito dela, valendo segurar minhas lágrimas de saudade em Santo Ângelo, ao lembrar a cena na correção



do descuido do Bento. O mal procede do humano e é forte. Capaz de corromper o coração materno. Mas deixemos dessas dores da Divisa.

Aprendi do Bento fazer uma ingênua arma de pressão. Em novembro se tinha nela uma das grandes alegrias. Dela ainda carrego uma história de meu aprendizado e frustrado poder: OS MENINOS DA DIVISA.

Como os meninos da Linha Divisa se sentiam poderosos no mês de novembro! Eu construí meu trabuco, mostrando o aprendizado de meu irmão: tirava-se um gomo verde do bambu e de um ramo menor a força da pressão. Verdes os frutos do cinamomo a fechar as extremidades, lá íamos experimentar o poder da compressão, ameaçando quem tivesse a nosso alcance. Nosso poder se engrandecia.

Era dia dois de novembro e vinha o senhor Wolf, ancho em seu picaço vermelho. Quase uma montanha dirigível, e nós, um pequeno exército de tocaia. Ao passar aprontaram-se as baterias e, repentinamente, descarregamos nossas armas. Meu Deus! Percebemos exatamente o quanto havia distância entre o nosso poder e o dele. Quando ele girava seu relho poderoso sobre as cabeças infantis, nós nos sentimos finados, julgados e sepultados. De meninos poderosos, passamos a pobres mortais indefesos. Nossas pobres roupas se molharam. Aprendi que cavalos e relhos podem mais que meninos com trabucos. Assim se faz na infância e na vida toda, cujos apelos e fracassos se repetem: vai-se aprendendo sobre os cuidados.

Alguns anos mais tarde, eu estudava no seminário em Santo Ângelo. O Bento me mandou uma capa de feltro no inverno de 1956. Não pode haver maior presente que tirar um sofrimento



muito grande. Explico: os invernos de Santo Ângelo eram de cortar a espinha. O pé direito das salas era alto e um frio intenso acabrunhava os estudantes. De chinelo de dedo, de um casaco de pouca proteção era a veste maior, de calças de brim, de sapatos, aos domingos, enfrentava-se o inverno. Banho aos sábados no açude do rio Santa Bárbara: tudo indicava uma nota só: invernos de renguear cusco e quebrar queixo de guri. Pra afastar tamanhos horrores, recebi uma capa azul de feltro. Encobria toda a horripilância invernal. A sensação de proteção me concedia um luxo de fazer inveja a qualquer sultão. Não trocava por terra alguma o presente de meu irmão. Imagine-se, então, a alegria da primavera e os primeiros calores de novembro. Acompanhei mais de perto o Bento e sua família, pois morava com nossos pais. Depois vieram morar comigo o Ricardo, a Orlene e a Cristina. A duas por breve tempo. O Ricardo permaneceu comigo por sete anos. Me dói lembrar sua perda.

Meu irmão mal conseguiu segurar seu espírito elevado. De tanto caminhar já não sei se as pernas tolheram seu movimento. Seja em razão de perdas, de tanto tratar seus peixes, depois de tanto lidar na lavoura, vejo que cansa. A sua vocação piscosa foi dura. A morte não perdoa nem os santos, tampouco os pecadores. Vejo que envelhecemos. Sou solidário em teu andar e eu também me vi pequeno. Um caranguejo comedor andou penetrando meu cólon, louco pra pegar meu reto. Ainda bem que acabei por surpreendê-lo no início de sua comilança. Vou mais uma vez pelear contra a miudinha de vasto e perverso nome, uma adenocarcinomatia. Vou batizá-la pelas bênçãos de meu irmão, apesar de ele não se mostrar muito sortudo com ela. Todavia me solidarizo com ele pra que saiba não estar sozinho nessa peleia ainda que, ao final, a gente deverá se dobrar ao seu amplexo. Não vamos tê-la como a desgraça de uma via: são coisas da vida! Somos semelhantes em nossa família.



Não amedalhamos medalhas. Peleamos na dureza e no aprendizado de virtudes. E não foi mole aprender a ter cuidados. Dos meus 73 tenho mais a dizer de meus irmãos e irmãs, enquanto vou tramando com eles meu jeito de ser.

## OTÍLIA, A MULHER FORTE

A Otilia escreveu o seguinte através de sua neta Bethania:

Na minha infância o que mais me marcou foi uma festa muito bonita. Quando eu tinha 5 anos, foi inaugurada a igreja de Linha Divisa – Santo Cristo, onde eu levei as chaves da igreja em uma almofada. Eu me senti a pessoa mais valorizada; me senti muito feliz.

*Vou entrar nessa conversa da mana.*

*E não era para menos, Otilia, porque se alguma coisa marcou nossa família foi inaugurar aquela igreja nova. Nosso pai fez de tudo para que fosse a mais bela igreja das capelas do município. Achávamos a oitava maravilha do mundo.*

*Lembro como se fosse hoje: o Loebens e outros músicos animando a festa. Lembro também da Leda se queixando de um guri ter tomado seus sapatos. Carregava na mão para não sujar. Dei uma de herói e tomei os sapatos de volta. Ora, pois, fazer isso com a pequena Leda.*

Durante minha juventude a gente andava de gaiota, onde enrolava os vestidos nas rodinhas e rasgava, e nós apanhávamos de minha irmã mais velha, a Cecília (Muti). *Otilia, eu guardo até hoje, pela importância desta gaiota, uma das duas rodas. Ela tem histórias*



*que adiante vou narrar. Pois bem, Tila, carregamos nela algum pasto para as vacas todos os dias. Aos sábados, o dobro, pra não precisar carregar capim no domingo.*

Fala mais, Otília.

Lembro também de meus irmãos. Eles matavam os passarinhos. Nós, então, pegávamos, escondidos, banha, arroz, panela e fazíamos aquela passarinhada. *Lembro, Tila, lá no erval. Pena que os verões eram breves e os invernos tão longos. Quando conto que andávamos de pés descalços sobre o gelo da geada, poucos acreditam, mas a gente não reclamava. De maio a setembro sofriamos juntos.*

*E quando jovem, Tila?*

Íamos aos bailes. Tínhamos que levar a mãe junto. Arrumávamos um carro ou O caminhãozinho do Braun e a mãe ia na frente. Nós íamos na carroceria. Quando arrumei um namorado, só podia estar junto dele com a mãe do lado, senão o pai proibia.

A gente ia para a roça, e pegava um cavalo para envergar. Em agosto plantávamos mandioca para o nosso sustento na terra da comunidade.

Me casei com 19 anos, eu e meu marido Valdir ganhamos uma casa e um terreno do Dilo Scheid, onde fomos felizes por longos anos, tivemos 4 filhos. A casa foi dada porque o Valdir era como filho para ele. Como casar não é só amar, comecei trabalhar. Trabalhei por 30 anos na escola de Poço Preto – Alecrim. Meu maior prazer era fazer merenda para os alunos. Depois de 30 anos de trabalho, me aposentei. Hoje tenho 71 bem vividos, faço coisas que gosto: tomar a minha cerveja quando estou disposta, jogo baralho, faço crochê, faço viagens, visito minhas filhas que moram longe, vou aos bailes em quartas e quintas, e sábados vou aos torneios de canastra,



aos domingos eu convido meus filhos para fazer churrasco e reunir toda a família. Tenho sete netos maravilhosos, que me adoram, e eu faço tudo por eles.

Essa minha conversa foi com a ajuda de minha neta Bethânia Filheiro de 17 anos.

Tudo pode ser dito sobre a virtude das mulheres. A coragem de minha irmã se sobressai sobre todas. Foi sempre muito decidida: namorou e casou com quem decidiu casar. Resoluta, foi adiante. Ela mesmo me contou um fato que me fez rir muito. Mostrou sua natureza vibrante e decisão. Com Valdir realizava todos os dias o transporte de passageiros de Poço Preto-Alecrim-Santo Cristo-Santa Rosa. Às vezes, a Otília ia junto, levando um dos filhos. Numa das viagens, levou a Clarice, a Neca. Esta, muito esperta, apreciava chamar atenção, querendo conversar com o pai. O Valdir sempre atencioso, mas naquela viagem sentiu uma das passageiras muito animada em sua direção. Ela conversava além da medida, denotando muita intimidade. E a Neca chamando atenção também: pai daqui e pai dali! O sangue da Otília foi subindo e, como não tinha papas na língua, disparou em alto e bom tom: “Fica quieta, Neca, deixa o teu pai namorar em paz!” Depois disso a passageira silenciou completamente. Silenciaram também os passageiros. Sabiam do temperamento da Tila. Retorno mais tarde pra falar da Tila adulta, cheia de disposição.

Bem antes, lembro dela em sua adiantada infância. Não nego ter levado uma paulada dela por resistir à sua vontade. Não bati nela por entender ser feio bater em mulher... Mentira, havia dúvidas de meu poder. Me agradava sua valentia infantil. Amansávamos o porquinho guacho, todo confiante... E, quase dormindo pelo carinho dado e, zás, uma varinha fazia-o se erguer num salto, reclamando de nossa falta de sinceridade. Confirma-





se a perversidade infantil controlada às custas de varadas e admoestações. Não me venham dizer de a natureza infantil ser de boa paz. Austeridades e boa vontade deixam um caráter de reciprocidade, ao contrário, violências tratadas sem resistência geram uma cultura de ferocidades banalizadas. Trabalho austero esse de educar, buscando o caminho melhor, muda de sentido e de práticas conforme a história. Se as normas educacionais pra educar a infância fossem as de hoje, todos os pais da Divisa estariam presos. Deixa pra lá: as amenidades educacionais e sem controle deixam sem ofensa as bundas infantis, mas a cabeça fica esvoaçante. Pois narro duas histórias entre Otilia e eu que é pra ilustrar uma era educacional. Nossas relações afetivas não correspondiam como as melhores em certas situações, principalmente quando se tratava quem vai fazer e o que fazer. Aliás, vou narrar dois eventos: o castigo e a correspondente reação da mãe. Pela manhã, confissões com o vigário. Sempre detestei. Meu Deus, pobre de mim: judiei dos animais; bati no Nero por não ter pegado o preá; disse nome feio; rezei pouco; tive maus pensamentos. Depois contrito e humilhado, rezado pelos pecados cometidos, fui eu e a Tila fazer pasto. Ela no timão da gaiota e eu empurrando e ela reclamando de minha pouca força. Retruquei: “Tu é que tá uma molenga.” Retrucou, brava: “Você parece um pato.” Acabei dizendo: “Cadela!” Nossa! Uma injúria. Ela chorou pela ofensa. Assim, pecador inconfesso fui à missa. Avaliei o meu pecado como grave, não merecendo receber o sagrado corpo. Por não comungar, minha mãe me pegou de jeito ao chegar em casa. “Por que não comungou?” “Chamei a Tila de cadela, depois da confissão.” A Tila, feliz, confirmou. Apanhei pra aprender a respeitar minha família. “Da próxima vez feche a boca após a confissão!” Bem que, chorando, tive vontade de bater na querida irmã, mas ela, valente que era e de costas protegida, inibiu minhas reações. Doutra feita minha mãe mandou que eu fosse



apanhar um balde de água. Já era noite escura. Confesso meu medo velho de andar no escuro. “Vai ou não vai?” “Vai a Tila que eu acabei de trazer um feixe de lenha.” “Vai que te mandei!” A Tila riu de minha situação. Atirei um garfo na direção dela. O lampião não concedia boa visibilidade. Pra meu azar, acertei de ponta o garfo em seu rosto. A santa mãezinha veio com tudo. Fugi. Mandei todos à merda. Decidi não retornar, me sentindo injustiçado. A noite foi se adiantando. Minha mãe chamou. Não fui. Chamou novamente e eu nem respondi. A noite já ia feia. Ouvi minha mãe trancar a porta. Pensei: dorme com tua filhinha e todos os teus. Meu pai chegou e pra não perturbá-lo, ela nem falou da ocorrência. Pior que a noite, a friagem veio vindo, veio vindo. A lua se erguendo pra meu consolo. Os sons da noite orquestrados pelo pio de uma coruja e guinchos dos morcegos foram me assustando. Apalpei uma faca suja na varanda. Sabia da tranca grossa na porta. De um golpe pela fresta fiz a travanca se desprender, fazendo o ruído de madeira no chão. Por certo, minha mãe sabia do responsável. Não ajudou em meu padecimento. Esperei pra saber-me protegido pelo silêncio. Subi a escada até o sótão. Meu coração andava pela boca. Deitei. Pasmem, deitei cuidadoso sobre o colchão de palhas pra não acordar o Bento, na cama ao lado. Pasmem! Minutos depois comecei a ouvir vozes de meus colegas de escola me chamando. Até hoje tento explicações. As vozes foram sumindo. Ainda fui até a pequena janela espiar pra ver os amigos sob a luz branca da lua. Nada. Deitei-me novamente. A noite se adiantava e meu espírito serenando. Outro dia, antes de amanhecer, acordei. Fui tocar o sino para os cristãos da Divisa acordarem. Corri até à igreja para o sol não me pegar. A fumaça da casa do Serafim já se erguia. A velha Cheva já estava de pé. Um menino puxava a soga do sino pra acordar a comunidade. A Tila não perguntou sobre a minha noite. Assim a natureza, a religião, a família e tudo o mais impediam de não me tornar pior. Por estes



dias de encontrões fraternos, tão sérios outrora, e, agora, tão doces por lembrar. Tila, dá licença: vou falar um pouco mais de mim. Eu era meio chorão e birrento. Minha alma andava triste por razões de eternidade. Chorava por ela! Sofria muito, mas o pior do eterno juízo era nos meterem no inferno. No céu... Ver um velho Senhor... Puro cansaço. Chorava, então, pelo destino reservado aos bons. A mim o que sobraria? Assim, meditando pelo meio da tarde, fui me deitar pra ver se o tempo e o vento pudessem passar. Ao ver meu casaco pendurado num prego, pensei: se acaso o casaco cair agora, vou pro inferno. Se permanecer como está, vou pro céu. Um pé de vento conseguiu fazê-lo cair. Me arrepiei. Pra me consolar rezei uma ave-maria pra ter um braço protetor. Tive. Me aliviei um pouco. Descubri: pouco se pode fazer no meio da ventania. Melhor que tudo, porém, e pra salvação de minha lavoura tenho o vigor de minha irmã. Sua alma faz melhor parte da minha. Por fim: lembra Tila, eu seminarista em meus 15 anos, antes de dormir pedi se vocês tinham arrumado a minha cama no sótão. Responderam que não. Me enfureci. Fui até o quarto e desmanchei as camas de vocês, a tua e a da Leda, deixando tudo na maior bagunça. Estava furioso! Quando entrei no quartinho do sótão, eis que a cama estava toda arrumada. Tudo posto em ordem. Passei a maior vergonha. Assim ia aprendendo ao cotejar a gentileza das duas contra minha atitude agressiva.

E a Tila, hoje querida, foi se adiantando em idade. Me fui para o seminário a ver se poderia salvar minha alma, mesmo que o casaco e meu temperamento me apontassem para o contrário. Não me lembro de tê-la ofendido outra vez. Numa das minhas férias a vi chorar. Me doeu muito vê-la tão triste. Afinal, meu coração era de um homem querendo ser um santo. Não consegui ser melhor, apesar de todos os apelos sagrados e profanos.



A Tila cresceu e casou. Por um sonho recente, percebi o quanto o seminário fazia romper os laços familiares. Os laços da ternura afastavam-se em favor da sublimação absoluta. O amor pelo transcendente apagava qualquer vestígio dos amores fraternos e mais outros. Escondiam-se os instintos como se aí residisse o homem das cavernas e o diabo. A salvação cristã exigia a morte radical da mundanidade. Ponha a mão no arado e não olhe para trás! Assim fui me retirando da vida familiar e muito mais de qualquer outro afeto, diminuindo-se a força dos instintos eróticos. Somente anos mais tarde voltaram os afetos, relativizando-se o absoluto.

Somente nas férias de janeiro me dirigia até Poço Preto do Alecrim pra ver minha irmã e o Sílvio. O rio Uruguai e sua profundidade me agradava e ia vendo mais de perto a transformação da minha irmã. Quando ia vê-la me agradava participar das partidas de futebol. Ah, meus 18 anos de juventude controlada! Lembro as garotas se estreitando em mim sobre a carroceria do caminhão antes e depois do jogo de futebol em Vanguarda do Alecrim. Mas de espantar: nada me atingia como se eu fora um ET. Me envolvia num casulo espiritual.

Já opinava, também, como um homem justo e bom sobre a dignidade humana. Lembro do cunhado Valdir queixar-se do tratamento recebido dos seus patrões. Afirmava-lhe de seus direitos. E você acha, dizia ele, que não vão me retirar a linha entre Poço Preto e Santa Rosa? O ideal não correspondia ao real. Calei-me e fui pescar.

*Buenas*, o que conta agora é a Tila. O vigor dela soltava-se naquele pequeno lugar. Tinha nos filhos: Clarice, Vicente, Edson, e Elizete a alegria, e no desenvolvimento deles o sentido maior de sua vida. E tudo no maior controle, assim havia aprendido e assim era o certo. A grande preocupação! A austeridade e o cuidado em torno



da educação dos filhos configuravam a mesma educação da nossa casa. Não cabia pecado algum ofendendo os princípios recebidos. O marmelo que a educara servia em Poço Preto. O marido o dia todo em viagem fazia redobrar-lhe a responsabilidade. Portanto, dobrava a vigilância. Seu vigor e decisão se redobravam nas costas do Uruguai. Com esforço econômico comprou um carrinho depois da aposentadoria. Assim servia a comunidade com serviços de Taxi. E lá se ia a Tila de Poço Preto ao Alecrim, à Barra do Santo Cristo, ao Pilão, enfim, a todos os lugares beirando o rio Uruguai. Mulher forte. Por breve tempo acompanhou-lhe o irmão Sílvio nas lides da escola. Ele professor, ela, auxiliar nos cuidados de alimento e disciplina. A companhia da Leonora e do Sílvio aliviava as tribulações do inverno e do verão, pois os extremos do clima aí se faziam contundentes.

Sua natureza expansiva fazia a alegria das casas de suas companheiras. E ai do homem que se mostrasse mesquinho em relação aos seus filhos. Era temida quando se punha frente a qualquer mandão ao se achar no direito de ferir um dos seus. Medidos os atos, pagava o filho, se errasse. Pagava mais aquele que ousasse se achar superior ao bom senso. Que o diga o Schaurich e seus rompantes. Homens e mulheres de toda a costa viam nela um ser humano de grande respeito. Como ela dizia: “Não aceito isso aqui ó de errado, que digam o que quiserem de mim, minha consciência é limpa de tudo.” O seu cotidiano era vibrante. As narrativas ouvidas eram de elogios à mulher forte.

Nas poucas vezes que minhas férias permitiam, observava sua retidão pelas palavras e ações. O prazer de um jogo de cartas, as conversas altas e vibrantes em torno de pescarias e dos contrabandos deixavam-na exuberante. O tom da voz e os movimentos efusivos criavam um ar cheio de graça. Risos altos entoavam solenidades.



Naqueles meus ermos dias, percebia sua religiosidade bem maior. Eu um cristão duvidoso e ela nas certezas infinitas de sua fé. A crença e a amizade deixaram-na fortalecida, pois vieram tempestades brutas e feias.

Pois bem: na luta das tempestades, Otília, dá que ouçamos tua voz. Eia pois brasileiros avante... livre terra de livres irmãos? Que te salve a barranca do rio. Que a fé nos torne melhores. A liberdade é um sonho pra nos mantermos de pé. Se nada é preciso, é preciso lutar, tirando cavacos por onde se andar. Assim como tu, comungo meus dias, guardando teu nome, ouvindo tua voz!

Falo desse jeito por causa de sua força. Em 1996 ou 97, concluía as disciplinas de meu doutorado na UFRGS. Telefonaram comunicando: o Valdir está no Hospital das Clínicas. Falei com a Tila: “Aqui ninguém sabe o que o Valdir tem.”, ela falou. Fui vê-lo e me assustei. Tão triste, tão quieto, um desânimo fundo se fazia nele. Perguntei no Hospital, também não conseguiram chegar a um diagnóstico. Semana seguinte, fui vê-lo novamente. Mais grave o estado. Já não mais se comunicava. À noite veio a notícia de seu falecimento. A Tila estará sofrendo, pensei e sofri. Fui ao hospital ainda cedo. Vi uma maca sendo empurrada corredor afora e, sobre ela, um corpo velado por lençol. Pedi pra ver. Foi me dada a gentileza. Aí estava o Valdir. Acompanhei a maca até o local onde deixavam os falecidos. Sentei numa cadeira e pedi a Deus por ele, já que nada podia fazer. “Que merda.”, pensei. Aguardavam pelo transporte até Alecrim. Velei por instantes. Como um vento me vinham cenas passadas. Lembrei uma caçada de pombas do outro lado do Uruguai.

“Mas bá! Lá tem pomba pra mais de metro!”, me dizia o Valdir. Fui com ele. Por entendê-lo como melhor caçador, ficou com a árvore para onde as pombas baixavam por primeiro. Madrugada...



primeiros sinais de sol... as primeiras pombas... nada de Valdir se mover... o sol nascente... árvore coalhada de pombas... e a quietude do Valdir. Fui me arrastando pra ver o acontecido. Não consegui imitar um animal do campo. O voo das pombas foi iminente. Nenhuma restou do azul feito de pombas. Cheguei-me junto ao esconderijo de galhos verdes. Acordei Valdir do sono profundo.

- Pô, cara, as pombas se foram!
- Desculpe homem, dormi.
- E agora?
- Vamos pra casa.

“Que merda!”, pensei. Tantos anos depois: exatamente como do outro lado do Uruguai. Dormiu lá, dormia aqui. Agora, porém, não havia como acordá-lo. Conversei com a Tila. Vinha já uma ambulância para buscá-lo. Fui até a Faculdade de Educação. Assisti a aula mais triste de minha vida. Bem pior, bem pior que perder pombas na Argentina foi perder meu cunhado em Porto Alegre. Em ambos os casos se revelam os eventos, poderosos. A natureza e as circunstâncias revelam a fragilidade. Tão aguda a essa dor foi a dor da Tila em perder seu filho Edson. Um grave acidente ocorreu entre Santo Cristo e Alecrim. O pequeno carro não serviu de defesa face à velocidade e às pedras da estrada. O menino sofria e pelo sofrimento perdera o cuidado. Valdir entristeceu-se muito por esta morte e pela dificuldade num negócio no qual ofereceu seu nome como fiador. Para confirmar a hipótese de depressão, chego às palavras de nosso pai, Tila, quando nos explicava a realidade dos discípulos ao dormirem, por verem a angústia de Jesus. “Eles estavam tão tristes! Dormiram, então. Uma tristeza muito grande leva ao sono.”, dizia seu Júlio. “Depois vieram os soldados prendendo Jesus levando-o para morrer.” Palavras de meu pai.

Bem maior que sua dor se revelava a necessidade de ir adiante.



Me volto às palavras: Se nada é preciso, é preciso lutar, tirando cavacos por onde se andar. Assim como tu, comungo meus dias, guardando teu nome, ouvindo tua voz! Agora, fortalecida pelo tempo, pelos filhos Clarice, Luiz Vicente, Elizete, pelos netos, nora e genros segue em seu estilo, fazendo como o artista com seu formão e estilete. Corta as pedras mostrando um rosto com seu tamanho humano: uma genuína pessoa maior que o rigor das circunstâncias. No mês de junho encontrei-a.

- Daí, Tila, o que anda fazendo?

- Muitas canastras naturais, respondeu, de pronto.

Dessa mulher forte e alegre e de Valdir nasceram outras famílias:

De Luiz Vicente e Ana: Edson Augusto e Bethania,

De Clarisse e Wilson: Carolina, João Paulo e Wiliam Luiz,

De Elizete e Danilo: Mariana e Otávio.

## LEDA, A TERNA MULHER

A natureza impõe suas formas e inclinações. Diferente da Otília, a Leda mais serena, *pero no tanto*, foi desenhando, para si e os outros, um rosto calmo, conquistando, mais que os outros irmãos, um tratamento amoroso por parte do pai. Dizia-se entre irmãos: “Assim é porque ela se aproxima da maneira de ser de uma das tias da família Both.” Parecia mais dócil, mas não menos decidida. Do mesmo jeito está ela nos sessenta. Certa feita, ouvi a Leda dizendo da beleza dos homens do Rio de Janeiro quando fora visitar seu filho Moacir. Alegria estampada, quase ternura ao falar. Alguém fez um comentário pouco airoso. “Você nem pro fumo dá mais!” “Não





dou pro fumo, dou por prazer.”, retrucou. Assim sempre foi: terna e decidida. Este espírito de humor é uma das boas coisas correndo no sangue da família. Também consigo ver o inusitado, o irônico dos eventos. O Bento, então, é expert nesse assunto.

Bem, o foco é a Leda. Seu corpo, sem ângulos, mostra suavidade. O biotipo, de músculos escondidos, diz de uma casa acolhedora. Digam as curvas leves já vistas pela primeira vez: deixei você criança em fevereiro de 57. Já em dezembro me abraçava *una chica, casi mujer*. Rolava a segunda metade dos anos cinquenta. Quase chorei a tua infância perdida. Eu já não era mais o mesmo porque os meus, de modo inesperado, já eram outros. Não existiam mais meninas em minha casa da Divisa. É isso: amei minhas pequenas filhas também por lembranças havidas. As paredes do silêncio escondem belezas antigas e as filhas fazem reviver antigos afetos. Ainda bem: os fios da memória devolvem à parêntese dos olhos, entre nuvens, a alma esquecida. Só pra ver, como você, Leda, costuma dizer.

Lembro os dias de punição por desentendimentos de economia interna na família. Os contedores e contendoras levaram umas sapecadas. Pra Leda apenas valeu um leve toque em seus cabelos enrolados. Ela esperta baliu. Ao ouvir o som de uma ovelha, mais que fez foi fazer meu pai rir. Pois só pra ver as preferências históricas. Só para ver e confirmar.

Certa feita alguém chegou a cavalo, o animal bem ajazado, o que despertou o olhar atento dela. O dono do cavalo animou-a ainda mais a que se aproximasse. “Pode subir que o cavalo é manso. Quer subir?” Entre medo e conragem. Upa! Viu só! Mas que coisa! O cavalo tastaviou. Assustou a cavaleira. Gritou e o cavalo entendeu o grito como um convite pra corrida. Agarrou-se à crina e lá se foi estrada afora a doce amazonas. Gritava de um gritos



fortes de hhhiiiiiiiiiii, manhêeeeeeee. Parou na encruzilhada. Foi dar a quinhentos metros, quando alguém socorreu a desesperada menina. Nunca mais se socorreu deste transporte. Minha mãe ficou uma arara, o que pra tanto pouco bastava. O dono do cavalo ouviu poucas e boas. “Só pra ver como é que é. Não dá pra facilitar...” ouviria, hoje, de ti, guria! O cuidado sempre é pouco, ainda mais entre as dificuldades como adiante você vai contar. Te conto pra isso uma história antiga, que é pra modo de confiar na vida, mesmo em disparada.

É bem isso, menina. Na Grécia havia Teseu e havia Ariadne. Havia também um monstro, morador de um labirinto, exigindo a cada ano a vida de 14 jovens gregos. Teseu decidiu acabar com Minotauro, o monstro. Teseu amava a guria. Os gregos também amavam. Ariadne falou: “Não!” Ele respondeu: “Sim!” Falou com veemência. Por ver seu namorado tão arrojado ofereceu-lhe uma espada e um novelo de linha pra guiá-lo na volta, no caso de não ser devorado pelo monstro. Assim foi. Matou o monstro e voltou. Pois bem, mana, assim disse o poeta Jaime Brasil:

*Teseu:*

*Numa das mãos a espada.*

*Na outra, o fio de Ariadne.*

Assim fez você, querida, montada no cavalo doido. Gritou, fustigando o cavalo, cansando o bestalhão do animal. Salvou a vida agarrada aos fios da crina. É assim a vida toda: não dá pra facilitar. Se a gente não tem cuidado os de fora nos matam. O teu filho Everaldo, não só por ser filho, mas por ser filósofo, pode dizer melhor o tamanho de tua ternura e das tuas lutas.

Dizia de seu corpo e, agora, da suavidade de seu nariz. Não tinha o corte de uma escultura romana, mas era um nariz agradável



de se ver. Imagino os teus filhos sendo acariciados pelo teu nariz terno. Em tudo se mostra bondade. Agora o Dr. Bila, teu filho, quer deixá-lo semelhante ao da modelo de Horizontina, a Gisele. Concordo contigo, mana. Se o nariz for reformado é capaz de esquecer a ternura feita em teus filhos. Quantas vezes você esfregou com ele a face de tuas crianças. A memória dos feitos tem valor! Diz pro Bila olhar como filho e não como plástico. E por falar no Dr. Bila, quantos foram os bolos feitos pra que ele estivesse bem em Santa Maria? Por certo foi um esforço compensado pela qualidade do profissional e cidadão em que ele se tornou. Considero teu esforço como exemplo para ninguém se afundar na preguiça ou em maneiras feias de se fazer a vida. Uma atenção funda e de esforços não medidos é que se faziam os filhos de seu Júlio e Genoveva, criando-os às custas de bravias condutas. Não havia frio nem chuva pra afastar a decisão de dar o necessário e o exemplo de com quantos paus se precisa pra fazer o barco dos dias. E você imitou, que coisa boa se deve imitar.

Por isso aproximo os fatos de meus irmãos ao acontecimento de Três Passos, onde os vínculos e os costumes estavam distantes da criação de um ser humano decente. Produziu-se a devassidão.

Ai, então, de quem não tivesse a disciplina e os costumes do lugar em grande estima e cumprimento. Não foram diferentes as afirmações diante da vida dadas por Genoveva e por Júlio. Sem isso pode haver o horror de Três Passos. Queridas Leda e Otília o testemunho dado por vocês, resumo de todos, me faz lembrar uma magnífica história, narrada por Augusto Meyer: um Arcebispo zeloso de seu rebanho, resolveu ver a situação de seus pequenos cristãos. Armado de cônegos e freis foi fazer a pastoral de seu ofício. Xingando aqui, louvando ali, foi se adiantando na estrada. Por fim, foi dar num lugar ermo. Avistou um pastorzinho esfarrapado. Do



penedo mesmo, alertou o piá, pois lhe faltava proteção. “Vá para dentro de uma lapa, menino, pois o frio está de cortar as carnes.” “Isso não!”, respondeu-lhe o pastorinho esfarrapado. “Não aceitarei seus conselhos; que em deixando de estar alerta e de olho aberto, vem logo um bicho do mato e leva-me a ovelha, ou vem a raposa e mata-me o cordeiro.” Caberia a mesma resposta das duas e a dos manos. Batalhassem sem treguas para que os seus estivessem bem. Que obedecessem, pois sabiam de cor e salteado quem estaria garantindo a soberania dos filhos. A Leda fazendo tortas a torto e ao direito, quiçá esfregando o chão da escola, mostrava com quantas táboas se faz uma casa decente. A Tila com semelhante função e mais a direção do Táxi, não esmorecia no cuidado dos seus. Não havia razão de estender a vista senão àquilo que fosse merecido pelo próprio esforço. Nem o arcebispo mandando, deixariam de cuidar de suas crias.

Tanto quanto os filhos, a Leda e a Tila cuidavam de seus maridos. A Leda, então, atenta durante dez anos nas dificuldades do Perácio em seu sofrimento. Tratamentos regulares fazem parte de seus cuidados. A Leda ainda na pior: a sogra em Alzheimer é cuidada como filha. Acredito não haver sofrimento maior, tampouco maior amor do que aquele dirigido a quem está em demência. E lá está a Leda como estivera a Leonila cuidando de nosso pai. Entre as medidas de uma tragédia e aquelas do cuidado na dependência, me inclino a ver maior atenção no cuidado de uma sogra demente e sem controle esfinteriano. Pois bem. Lá está ela devassada pela angústia. Um conselho ainda, por mania de querer o bem: “Não aceite nem uma mula de graça, nem o anel do Papa. Exija a partilha no cuidado.” Vejo, então, o milagre que compõe a vida de teus filhos: Moacir, capitão; Marisa, professora; Everaldo tenente e filósofo e Claudiomiro, o Bila, médico zeloso de narizes e gargantas.



Deixemos, agora, a Leda falar através das lembranças colhidas pela filha Marisa, a professora, enquanto me atrevo a meter meu nariz no meio da conversa, pondo meus pitacos em itálico. Assim diz a Leda:

Posso dizer que fui uma criança muito feliz, tive uma infância maravilhosa. Destaco o amor profundo que tinha pelos meus pais. *O temperamento dócil e afável contribuía para ter certos tratamentos de maior carinho. A Leda está cheia de razão quando diz:* Eu era uma criança que não precisava ser xingada, sempre fui tratada com muito amor e carinho. Me sentia a filha mais amada do mundo. *Este jeito de ser da Leda sempre a acompanhou na vida.*

Era aluna de meu pai e lembro que era uma das melhores, mas ele nunca me dava o primeiro lugar pra que não dissessem que estava beneficiando ou favorecendo a própria filha. *A delicadeza de minha irmã, diferente da minha, deixava a mana em crédito. Por outro lado, a suavidade encontrava satisfação também nos domingos, conforme ela afirma:*

Brincávamos todos os domingos em balanços, com bonecas que nós mesmos confeccionávamos com sabugos e cabelos de milho. Durante a semana ajudávamos nas tarefas da casa e íamos para a escola. À noite, saíamos bastante para passear na vizinhança, o que muitas vezes era bem longe. *Menina de fé e de sensibilidade carregava com ternura certas datas:*

Nossos Natais eram muito felizes: meu pai tocava a canção Noite Feliz e isso era muito especial, ficou marcado para sempre como uma lembrança inesquecível de Natal em família. O que eu não gostava nestas ocasiões, era quando o Papai Noel surrava meus irmãos. Agostinho era um que apanhava. *As varadas do Barbudo eram esperadas. É verdade, eu tinha consciência de não ter sido de*



*uma conduta tão reta quanto a das irmãs. Lembro de meus irmãos me irritarem por me chamarem de Tinhoso, traduzido por mim de Diabo. Meu apelido era Tinho, facilitando a gozação, que muito me irritava, levando a mostrar minha inconformidade. Vou adiante na bela narrativa de Marisa:*

Os presentes que ganhávamos eram tecidos para fazer roupas e doces de açúcar. Uma vez eu ganhei do meu padrinho Miguel Poerch um tamanco de chocolate e me escondi debaixo da cama para comer sozinha, porque todo mundo queria um pedaço.

*Leda, lembra também a doença de Antônio, uma referência de grande sofrimento para todos. É esta angústia familiar a que se refere a Leda: Meu irmão Toni era bastante doente, tinha crises de asma e a nossa mãe ficava tão apavorada que se escondia para não vê-lo sofrer. Nós saíamos procurando por ela até encontrá-la no meio da roça para dizer-lhe:*

-- Mãe, o Toni tá morrendo!!!

*Os recursos da medicina eram poucos e sem efetividade, fazendo a Leda também sofrer na criação de seus quatro pequenos. Imagino quantas vezes a Leda andou em prostração por não poder oferecer maior segurança a eles. Ela com seu quarteto e solitária dando conta de tudo. O Perácio trabalhava em lugares distantes, atendendo as melhorias das estradas do interior de Alecrim. Mais difícil ainda em Vanguarda, quando trabalhava na serraria.*

Outra lembrança de momentos de felicidade era quando o Agostinho vinha de férias do seminário e o seu amigo Afonso Holz vinha lá em casa tocar gaita. Isso era muito divertido. Eu adorava esses momentos. *E te digo de coração, o quanto me doía ter que retornar ao seminário, depois do dia 20 de fevereiro, pra voltar*



*somente em dezembro.*

Deixa eu lembrar de outro fato: quando eu tinha por volta de doze anos, a mãe me botou para trabalhar na casa da Irene Kaiser ( sogra do mano Carlos) onde tinha que fazer todo serviço da casa e cuidar de 6 crianças. Num dia de tormenta, fugi de lá. Peguei a Teresinha, minha cunhada, que tinha oito anos, e fomos pelo mato até chegar em casa tarde da noite. Não fiquei neste trabalho porque sentia muita saudade do pai e da mãe. Depois disso, eu só trabalhei na roça, até o dia em que me casei. Tem mais: Por volta dos 13, 14 anos eu queria sair de casa e ir para Santa Rosa continuar meus estudos, mas meu pai impediu. Já tinha feito meu exame de admissão. Ele descobriu, mandando que eu voltasse pra casa. Fiquei meio ano na casa da tia Marietina aprendendo costura, mas ela morava perto do pátio do colégio Liminha. Eu enxergava minhas amigas que realizavam o curso de formação para o magistério. Chorei muito porque também queria fazer o que faziam do outro lado do muro. Só pra ver, nem aprendi a costurar, porque não era este meu sonho. Na época, só os homens podiam estudar, as mulheres tinham que se preparar para o casamento.

Depois de meio ano voltei para casa. Celebrei em casa meus quatorze anos. Enterrei na roça meu sonho, onde passei a trabalhar. *Pois bem, mana, ao retornar do seminário, acho que em 57 ou 58, já não encontrei mais a menina amável que havia deixado em fevereiro, já era uma adolescente. Lembro bem: você limpando a pequena área da frente que dava na direção do galpão.*

Conheci o Perácio lá na Vanguarda, por intermédio da Tila, que namorava o Valdir, tio dele. Namoramos dois anos e nos casamos. Na época eu estava com 18 anos. Fui morar na Vanguarda e 10 meses depois, nascia meu primeiro filho, o Moacir (Mano).



Os primeiros anos de casamento foram muito difíceis para mim, pois foi uma mudança muito brusca em minha vida, principalmente pelo aspecto financeiro e pelos filhos. Quando tinha 21 anos mudei com o marido e os dois filhos para a cidade de Alecrim, onde nasceram os outros dois. A cada ano nascia um. Aos 26 anos, já era mãe de quatro filhos.

Nesta fase difícil do início do casamento sempre contava com a ajuda da mãe, que vinha e me trazia algumas coisinhas, como roupas para os bebês, comida e outras coisas para as crianças.

Passsei também por dificuldades quando os bebês ficavam doentes e precisava comprar remédio ou levar ao médico em Santo Cristo. Lembro que tive que vender todas as minhas poucas joias que trouxe de casa pra pagar estas despesas. Retomei meu sonho em Alecrim, quando comecei a trabalhar como funcionária da limpeza e merendeira da Escola Estadual de Alecrim.

Senti, então, uma pequena melhora financeira em minha vida. Deixava os quatro filhos em casa, os mais velhos cuidando os mais novos. Minha maior preocupação sempre foi com o futuro deles.

Hoje me sinto orgulhosa dos filhos e acredito que os encaminhei bem. Todos estudaram, cursaram a universidade e conquistaram, cada um na sua área, suas carreiras profissionais. Todos eles estudaram por conta própria e tinham sempre seus objetivos bem definidos. Tive sorte porque todos eles sempre gostavam de estudar e foram bastante dedicados em suas escolhas. Além disso, são pessoas honestas. Podem mostrar o que são e apontar a caminhada que realizaram, começando pela casa de seus pais.

O Moacir e o Everaldo seguiram carreira militar. A Marisa





tornou-se professora, o que sempre foi o meu sonho. O mais novo, Claudiomiro, o Bila, tornou-se médico e com residência em otorrino-cirurgia.

No meio do caminho surgiu uma baita pedra: aos 63 anos, foi diagnosticado, em meu marido, um câncer de próstata. Fez uma cirurgia de retirada de órgão e graças a Deus está curado. Até hoje ele faz tratamento para evitar que a doença retorne.

No início, ao suspeitarmos da doença, ficamos bastante assustados, mas encaramos e fomos investigar. A doença foi descoberta porque nosso filho médico dizia para o pai fazer os exames preventivos. Nos tranquilizamos quando veio o diagnóstico de que a doença estava em fase bem inicial.

Depois disso, os anos passaram bem tranquilos, pois eu e o Perácio, aposentados, podíamos curtir os filhos e os netos além de podermos gozar de uma situação financeira mais estável. Apesar de aposentados, tanto o Perácio quanto eu, mantemos atividades que nos envolvem bastante. Ele cuida da propriedade, planta e colhe de tudo um pouco, cuida da horta, do pomar, cria alguns bichinhos, cuidando também da infraestrutura da propriedade. Eu continuo fazendo os doces e salgados, aumentando cada vez mais as encomendas. Faço lasanhas, tortas, salgadinhos, bolachas e outras encomendas. Além de fazer para Alecrim, faço para Santa Rosa e outras cidades. O pessoal que era daqui encomenda para levar. Vai encomenda até para Porto Alegre. Oi, Leda, tenho orgulho de você e bem sei o quanto custava sustentar o Claudiomiro e o Everaldo em Santa Maria.

Nos últimos anos, justamente por estarmos aposentados e morarmos ao lado, assumimos os cuidados com minha sogra, que em janeiro completa 97 anos. No início, o que já fazem muitos



anos, era mais para ficar de olho, fazer companhia. Com o passar dos anos e o avanço da idade, a situação se complicou, pois temos um problema bem difícil quanto ao controle dos esfínteres. Então temos que fazer sua higiene a toda hora, dar banho, cuidar da limpeza da casa, dos forros de cama e assim por diante. Tudo isso tem me desgastado bastante, pois agora que poderia ter uma vida tranquila, me estresso muito com isso, principalmente, porque acho que os outros filhos deveriam se envolver mais. Ganho um salário mínimo para isso, mas acho que não paga os finais de semana, as tensões e as noites mal dormidas.

Agora, depois de muita discussão, combinamos que cada final de semana é um filho que deve ficar com ela.

*Concluo aqui os destaques dos momentos de tua vida. Sei da ternura que tens e assim temo que você acabe doente também. Nós precisamos de generosidade e não de heróis que acabam sofrendo além da medida. Não quero terminar este teu relato, feito tão bem por tua filha, sem dizer mais uma vez o quanto te quero bem e o quanto o teu jeito afável me comove.*

Mas o que não dá para esquecer é mostrar o resultado de teu amor, Leda. Para tanto aqui vão os teus filhos e de Perácio Filheiro :

De Moacir e Mônica nasceram:

Gabriela e Breno,

De Marisa e Maurício:

Murilo e Mateus,

De Claudiomiro e Kátia:

Raul e Félix.



## CARLOS ROQUE, O HOMEM E O SEU LUGAR

O belo relato de Carlos, um encanto de quem ama sua casa:

No dia 04 de dezembro de 1947, vinha ao mundo o 7º filho de Júlio Both e Genoveva Liberali Both. *Belo presente de Natal. Eu com seis anos.* A minha infância e primeiros anos de vida escolar foram marcados por diversos fatos pitorescos e engraçados. Aprendi a falar alemão na escola com meus colegas de aula.

Meus professores foram meu pai Júlio, meu irmão Sílvio e meu irmão Bento, este por sua vez só ministrava as aulas da historia sagrada, episódios do antigo testamento.

Gostava muito da merenda que meus colegas tinham na hora do recreio. Chamavam de óia prot, (eierbrot) pão frito com ovo e tsuga prot, (zuckerbrot) pão feito com melado e pão feito com cobertura de açúcar.

Perto de casa havia um erval, onde eu armava, ao anoitecer, as arapucas para capturar os pombos. Antes de ir para a escola revisava os mesmos para verificar se não havia uma pomba presa.

Era de costume tocar o sino três vezes no dia: antes do amanhecer, ao meio dia e ao anoitecer.

Lembro-me de certa feita, quando fui bater o sino ao anoitecer, a porta de igreja começou a tremer e a barulhar fortemente. Parei de tocar e fugi apavorado para casa. Era meu irmão Bento que tinha se escondido dentro da igreja, com o propósito de me assustar.

Eu e meu irmão Antonio dormíamos no sótão da casa. Certa feita, durante a noite, a vontade de urinar era incontrolável, não



tive dúvida, abri a janela e urinei para baixo. *Tive também, como já narrei minha história, com a mesma janela.*

No transcorrer de 1961, meus pais decidiram que iria estudar no Colégio Salesiano Dom Bosco em Santa Rosa. Por ser um colégio em que os alunos recebiam educação religiosa, moral e intelectual muito conceituada e de alto nível disciplinar. Lá fui eu.

Na ocasião contava com a idade de 14 anos. Antes de iniciar o curso ginasial, tive uma preparação de um mês, onde pude aprofundar meus conhecimentos. Depois disto, prestei uma prova que se chamava na época de Admissão ao Ginásio. Como fui aprovado, comecei, então, a frequentar o curso ginasial que duraria quatro anos.

Em 1962, iniciei a 1ª série do curso ginasial. Para poder estudar minha estadia era na casa de meus tios Guilherme Liberali e Gentila que se localizava na vila Planalto em Santa Rosa, com a distância aproximada de três km. do colégio.

Em troca da estadia realizava várias tarefas caseiras e trabalhos de roça, tais como: lavar a louça, passar cera e lustrar o assoalho, carpir na lavoura, tratar as vacas, tirar o leite, limpar a estrebaria, etc.. *Oi Carlos, quanto custa o conhecimento! Quando te leio fico de sentimento solidários por te ver peleando assim.* Meus tios vendiam leite para a cidade, sendo que o mesmo era transportado em litros sobre o lombo de um cavalo e entregue na casa de cada freguês. Esse trabalho era realizado por um menino da vila que meus tios contratavam.

Eram tempos muito difíceis e a educação era muito rígida por parte de meus tios, principalmente de minha tia. Aos domingos à tarde, por inúmeras vezes, escutava a vibração das torcidas do campo



de futebol Carlos Denardin, pois lá jogavam os times da época como: Aliança, Paladino, Sepé Tiarajú, e Juventude de Cruzeiro. Em linha reta dava aproximadamente 1500 metros. Eu quase endoidava de vontade de ir aos jogos, mas não podia por diversas razões: estar cedo em casa e ajudar a tirar o leite, a falta de dinheiro para pagar a entrada, etc.

Para ir ao colégio, inicialmente, ia a pé. Tinha que atravessar uma invernada cheia de animais. Na ocasião usava nos pés um par de congas, os quais, muitas vezes, ficavam molhados por causa do sereno que estava na grama.

Mais tarde, quando passei para a 2ª série ginásial, o pai comprou-me uma bicicleta Axel de cor verde. Fiquei muito feliz. No início era uma maravilha, pois a bicicleta era nova. Com o passar do tempo ela foi se desgastando e aparecendo os primeiros problemas. Muitas vezes, quando chegava para pegá-la e ir ao colégio, a triste surpresa, os pneus murchos. Às vezes não conseguia enchê-los, largava tudo e saía correndo em disparada, para não chegar atrasado ao colégio. Parece hoje em que os alunos têm ônibus em frente de casa...

Quando a saudade era muito grande de casa, pegava minha Axel e vinha para casa, enfrentando a poeira e até as vezes o barro. Mas para matar essa saudade fazia esse trecho de 20 km.

Assim fui levando minha vida. Quando chegou o ano de 1965, na ocasião estava cursando a 4ª série ginásial, pois era o último ano e a formatura estava próxima. Até da roupa já tinha ido tirar as medidas. Quando aconteceram momentos muito tristes e uma nuvem negra pairava em minha vida. Adoecei e toda a expectativa de concluir o ginásio, frustrada. Perdi aquele ano. Assim fiquei quase dois anos doente. Doença sem diagnóstico preciso na época. Muita



fraqueza e tristeza.

No fim de 1967, comecei de apresentar melhoras. Comecei, então, a me preparar para prestar concurso ao magistério. No fim do 2º curso obtive aprovação. Pois então, com muita alegria e vontade iniciei a carreira de professor no dia 1º de março de 1968. Começava uma nova etapa da minha vida. Concluí, também, finalmente o ginásio.

No transcorrer de 1969 conheci minha 1ª namorada, Teresinha Kaiser, pela qual me apaixonei e, depois de seis anos, entre namoro e noivado, nos casamos no dia 25 de janeiro de 1975. A partir daí começamos uma vida a dois com momentos de muita alegria.

Para aumentar nossa felicidade, no dia de 25 de maio de 1976, nascia nosso primeiro filho, Magnos Alexandre. Também foi um ano muito importante na vida profissional, pois naquela ocasião concluía o curso do magistério do 2º grau.

Passados três anos, precisamente no dia 11 de setembro de 1979, nascia minha filha, uma graciosa menina que chamamos de Verideana Janice, duplicando nossa felicidade.

Começamos então juntos a trabalhar muito para podermos dar o melhor para os filhos.

Foram anos de muita luta e persistência para que não faltasse nada para os dois. Pelo turno da manhã, eu lecionava e pela tarde trabalhava na roça. Assim foram muitos anos.

Aproximadamente em 1990, assumimos a central telefônica. A carga horária era de 15hrs. Abria-se a central às 7 horas da manhã e fechávamos às 23 horas. Esse trabalho era feito principalmente pela Teresinha. Era realizado ininterruptamente; não tínhamos nem



feriados e nem domingos livres. Mesmo quando doentes, tínhamos que manter a telefônica aberta, pois não havia ninguém para nos substituir. Assim foram quinze longos anos de desprendimento, de luta e doação. Aliado a esse trabalho realizávamos ainda a limpeza da igreja.

O tempo passou e hoje os nossos filhos estão casados. Magnos Alexandre se casou com Andrea Fabiana Schons. Dessa união nasceu Júlio Henrique. Verideana Janice casou-se com Alexandre Augusto Schuster. Desse casamento nasceram Augusto Mateus e Antonio Luís.

Nossos três netos são o orgulho e a realização da nossa família. Atualmente estamos aposentados e vivendo em um belo sítio na comunidade da Linha Divisa, Santo Cristo.

### **Carlos, deixa que eu fale um pouco.**

Todo sofrimento carrega um lado complicado convivendo com um potencial transformador. Carlos foi um vencedor. O sofrimento de Carlos se dava pela distância de seu pequeno lugar, principalmente de sua casa. Divisa era o ventre do qual nunca se separou. Bem que encontrou no seu ofício e em na sua família o apoio necessário. Vou falando de meus sentimentos e ideias em torno de meu irmão, o penúltimo de casa. Pouco tempo se fez entre o nascimento dele e o de Antônio, o último. Antônio mal havia nascido, deram-lhe um banho de janela aberta, o que causou uma doença de pulmão. Esse foi o entendimento da mãe. Isso rebentou o pulmão dele! Disso falemos depois. Entendo que a asma terrível, que habitou o peito do pequeno afetou a vida do Carlos. O pequeno era feito de cuidados, a morte espiava o guri de todos os cantos e



todos os dias. Carlos, então, ficou com menor atenção. Sempre o vi franzino, companheiro meu de espantar fantasmas quando ia tocar o sino. Por ser de porte delgado, seu Júlio entendeu que o piá não dava pra roça. A mãe avaliou melhor, dizendo: “Pode estudar em Santa Rosa. Ele pode ficar com o tio Guilherme.” Pavores, então, povoaram sua alma. Desconfiado de seu poder, sentiu-se menor longe de sua Divisa. Sentiu-se triste, distante da casa de seu conforto. Aos domingos vinha pra casa, pedalando uma velha bicicleta, a Axel verde que envelheceu. Coração na mão entre ventos e chuvas, pouco importava. Ideias tristes judiavam sua fragilidade. Pra compensar dissabores das distâncias e das angústias aliviava-se no futebol. Os irmãos todos colorados, resolveu o contrário, Tornou-se gremista e bom de bola. O Flamengo da Divisa servia-se muito bem de sua arte. Assisti-o jogando. De fato, a bola seguia suas intenções. Punha aí a compensação de seus dissabores. Foi rompendo com o tamanho de seu peso espiritual, ao tornar-se professor na Divisa. E de quanto amava, carecendo deste espaço, dou prova. Convidei a que realizasse o curso de graduação na Universidade de Passo Fundo. Ainda que tivesse uma bolsa de estudos, não suportou a distâncias e o afastamento por dois meses. As sombras dos tempos de Santa Rosa assustavam meu irmão. Preferiu retornar. A saudade de Teresinha, companheira, e dos dois filhos: o Magnos e a Verediana, era muito doída. Aprecia ver seu pequeno reino.

Recebi este informe do Magnos. Beleza de texto. Respondi então:

Muito obrigado, pela comunicação! Vou aproveitar cada palavra e refletir da melhor maneira a história de teu pai.

Queria que ele soubesse o quanto sempre quis e quero bem a ele e aos seus. Guardo comigo uma das histórias mais bonitas dele e de minha vida. Quando eu estudava em Santo Ângelo, me doía muito





ter que sair de casa em fevereiro pra retornar somente poucos dias antes do Natal. Acho que foi no ano de 1958: o Carlos me ajudava a levar os trecos e trapos até o ônibus que vinha de Santo Cristo. Depois, já com saudades, até Santa Rosa e daí para Santo Ângelo. Lembro foi próximo da encruzilhada. Caminhávamos tristes. O Carlos havia recebido presentes no Natal: dois canivetes de um colorido encantador com correntes simples, duas preciosidades. Na manhã daquele dia, vi um deles dando sopa. Pensei: “Vou levar junto para não esquecer de casa e do mano.” A dor era grande naquela caminhada até o estradão. Não me dei por conta que a corrente em contato com o canivete denunciava a minha "aquisição". O Carlos me pergunta: “Pegou um dos canivetes.” “Sim, posso levar?” Carlos não reclamou do meu ato. Autorizou que pudesse levá-lo. O silêncio continuou. Nós dois estávamos muito tristes. A caminhada rompia com nossos domingos e brincadeiras. Por vários meses estaríamos distantes, mas o canivete fazia com que estivéssemos juntos ao olhá-lo para me certificar de sua existência. Para mim era mais que um objeto. O canivete guardado me devolvia o mano, ajudando a matar a saudade da Divisa.

Muitos anos depois, a saudade da casa doía muito nele e por bater nele batia em mim também. Pediu desculpas e disse que não estava suportando a saudade de casa. Sabia o que se passava nele. Não teria nenhum canivete pra diminuir o que sentia pela pequena Verediana, por Magnos e pela Teresinha, esposa, sua força maior e acho que nele a saudade da Divisa era maior que a minha em 1958. De fato, o diploma contava menos que seu pequeno lugar. Nele, o amor era bem maior. Fiquei triste e atrapalhado o dia todo, depois que o deixei na Rodoviária.

Hoje louvo tua atitude, mano. O silêncio da tua casa foi cruel. A ternura de tua gente e do teu lugar era o que contava.



## ANTÔNIO, O CONQUISTADOR

Vou fazer um pequeno relato da minha vida, auxiliado por Nathiely que vive com a gente faz muitos anos.

Nasci em 28 de Novembro de 1948, filho de Júlio Both e Genoveva Liberali Both. Nasci na Linha Divisa, Santo Cristo, na época distrito de Santa Rosa-RS. Júlio Both era professor de classe multisseriada e com salário baixo. Genoveva, do Lar, exercia atividade na pequena área de agricultura da comunidade, criando ali uns porquinhos. Produzia-se, também, leite com muito sacrifício, pois as terras eram bastante desgastadas, sendo necessária a adubação, produzida na propriedade. No inverno era terrível, pois tínhamos que nos socorrer de folhas de coqueiro, folhas de bambu do mato, entre outros alimentos. Era bastante sacrificado, mas nós tínhamos como uma atividade natural e necessária e até, às vezes, divertida. Neste contexto da vida estava o Toni, aquele pesteadado asmático, magrelo, com os ossos dos ombros levantados de tanto puxar fôlego, se segurando durante a noite na cabeceira da cama. Na minha infância toda sofri de crises asmáticas e quando atacava demais era levado ao médico, Doutor Ronchi, bacana por sinal. No Hospital de Caridade de Santo Cristo havia um quarto, que parecia ser reservado para mim, pois havia um tambor com oxigênio que auxiliava na respiração. Tive uma vez uma crise muito forte achando não sobreviver, mas como todo alemão é teimoso, passei por mais esta e muitas outras. Não sei como, e por que graça, apareceu um aparelho bronco dilatador, formado por uma pera de borracha, caninho condutor e o recipiente de vidro, onde era colocado o remédio. Uma vez inalado, imediatamente, havia a bronco-dilatação. Voltava, então, a respirar normalmente, melhorando a minha vida.



Fiz o primário em Linha Divisa, na Escola Roque Gonçalves, tendo como professor o austero Julio Both, que depois se elegeu prefeito, sendo substituído pelo não menos austero Silvio Both. Vocês acham que pai e irmão davam chance, coitados de nós. A vida na escola primária era bastante rotineira, os métodos, os mais rígidos, mas necessários. Tínhamos uns colegas que se diferenciavam: Telmo, Dealmo, Cassildo. Teve uma passagem que nos marcou. Foram as eleições do Brizola e do Perachi. O nosso colega Cassildo era do Brizola e o Telmo, que era o pançudo, era do Perachi. No porão da escola faziam seus discursos e eram aplaudidos pelas partes.

Nos recreios jogávamos bola, que pobreza! A bola era de borracha e pequena, os times normalmente, Botafogo X Aliança, que eram também os times de Santo Cristo e Santa Rosa. As disputas eram bastante acirradas, às vezes até com brigas, logo aparteadas pelo professor. Os resultados normalmente eram alternados. Na hora da merenda era até engraçado: traziam pão com melado cristalizado, pão com ovos mexidos, ovos cozidos, pão com banha e açúcar, frutas, e ali, sentados, faziam as trocas de tipos de merenda, não esquecendo os gostosos wafler, cri-cri, cueca virada, tudo carregado em sacolas bem cheirosas.

Estudei até o 5º ano, depois fiz o exame de admissão ao ginásio em Santo Cristo. Passei para a 1ª série do ginásio, educandário Lassalista, por sinal muito bom, organizado, disciplinado. Os professores eram irmãos Lassalistas, de profundo conhecimento em suas disciplinas. Certo período, cursei o ginásio no internato, depois parei na casa de Ivo Kny e de Léo Hartmann, secretário de administração da gestão Julio Both. Mais tarde parei no Hotel Brentano, juntamente com o pai. No dia do derrame, em novembro de 1963, almoçamos juntos e eu notei que ele estava um pouco pálido e comentei. Ele me disse que não era nada. Almoçamos e



cada um foi para o seu quarto, e, pelas duas horas, a dona do Hotel me chamou, me informando sobre o acontecido.

Durante o período de ginásio ia todos os sábados para casa, e, na maioria das vezes, com meu amigo Lino Braun. Algumas vezes, quando o pai era prefeito íamos de “jipão”, mas com o coração na mão, pois o velho Júlio metia medo como motorista. Chegávamos em casa e eu ajudava a mãe com a limpeza da casa e do pátio. A mãe já não tinha mais disposição para encerar o assoalho. Lavava com soda cáustica aquele assoalho difícil de limpar. Foram quatro anos de vida rotineira, não acontecendo nada de extraordinário. A nossa formatura foi no final de 1967, junto com os alunos do Colégio das irmãs. A comemoração foi um jantar simples. Após esta trajetória de Lassalista, tivemos que nos preocupar com o 2º grau. Então tínhamos que nos deslocar para Santa Rosa. Eu ia de bicicleta da Divisa até Linha Rolador. Pegava o ônibus até o colégio Machado de Assis, onde cursava Técnico em Contabilidade. Passado um tempo, com jeitinho de mamãe consegui um emprego no mercado do Reni, namorado da prima Celita. Eu parava no tio Guilherme. Não me adaptei com os métodos do Colégio e me transferi para o João Dahne. Depois fui cursar o científico e piorou, não tinha nenhum fundamento de química, física e biologia. Desisti. Passado um tempo, fui trabalhar na Laticínios Mayer junto com o primo Aldo Ritt. Foi nesse período que comecei a paquerar uma italianinha muito bonita, a Clair Colombo da Linha Salto, namoro este que durou quase dois anos.

Comecei a pensar mais seriamente no futuro. Não via alternativas e nem perspectivas. Eu ia sempre pra casa. Certo dia me deu coragem e falei para a mãe de ir de muda ao Paraná. A mãe não gostou. Coloquei, então, a ela toda a minha situação, acabando por concordar comigo. Dali fui para casa da minha namorada e



falei sobre as minhas dificuldades e que eu não via futuro em nossas vidas. Deixei pra ela tomar a decisão, após a minha partida. E em 14 de Dezembro de 1969, pedi as contas, peguei meus trocadinhos e fui pra casa me despedir.

Chegando à rodoviária em Santa Rosa pedi passagem para o Paraná, o agenciador me perguntou: “Para onde ” Como eu não tinha destino, perguntei das paradas de ônibus no Paraná. Me citou diversas cidades, tais como Medianeira, Céu Azul, Cascavel, Toledo. Quando me falou Toledo, falei logo: “Já ouvi falar nessa cidade. Me dê a passagem para Toledo.” Viajamos muito de dia, a noite toda e pelas 11 horas o ônibus parou e o motorista falou: “Aqui é Toledo.” Uma rodoviária feia, suja, mas me chamou atenção foi de que ao lado havia uma escadaria e, no final, uma placa de dentista. Ele já havia tratado dos meus dentes, era o Dr. Celestino de Bona. Me indicaram o Hotel do Nico. Fui e aluguei um quarto, tomei um banho, almocei, e fui tirar um cochilo.

Após umas duas horas, desci, comecei a andar e chegando numa farmácia, o seu José, dono da farmácia, após algumas trocas de informações, falou-me para subir uma escadaria, que havia um apartamento onde morava o Secretário da Prefeitura o Sr. Antelmo Diel. Bati na porta e me apareceu uma senhora muito parecida com a Nora. Me apresentei e ela falou-me que era prima da Nora. Logo em seguida Antelmo se levantou e fez alguns comentários. Disse pra ir até a prefeitura; chegando lá fui até a Secretaria de Educação, e para minha surpresa o secretário, Henrique Brod, disse que havia feito o curso normal rural em Cerro Largo. Pedi se conhecia o Sílvio, me dizendo que eram colegas de turma. Papo vai e papo vem, entramos no assunto “professor”. Ele me falou da falta de professores, principalmente no interior. Inclusive em São Miguel, onde moravam os Kuhn, Poesch, Léo Külzer, Winkelmann, e os



Philipsen. Lá em São Miguel havia escola multisseriada, muito boa e com uma bela moradia. Demonstrei interesse, ele falou-me que asseguraria a vaga.

Saindo da Secretaria, andando pelo corredor, encontrei o Sr. Agnelo Steffens. Logo me reconheceu, pois ele era vizinho do Sílvio, em Santo Cristo. Estava morando em Ouro Verde há pouco tempo. Me convidou para ir com ele até lá. Prontamente aceitei. Fui ao Hotel, peguei a minha malinha e partimos para Ouro Verde. Inclusive eu gostaria de fazer um parêntese, para expressar, de forma carinhosa, algumas palavras sobre essa família, que me acolheu por quase dez anos. Ela já era conhecida lá de Santo Cristo. O seu Agnelo, casado com a Dona Edite, filha de Gustavo Juver, tinham três filhas moças e três filhos rapazes, me consideram ainda como se fosse da família pela forma terna com que sempre fui tratado. Em todos os momentos difíceis tive o apoio deles, tinha uma liberdade de convívio como se fosse da família. Fui compreendido nas horas de nostalgia, de alegria e de pesares. Até hoje compartilhamos essa familiaridade.

Feito meu reconhecimento essas observações voltemos às narrativas deste aventureiro.

Cheguei em Ouro Verde na inesquecível data de 16 de Dezembro de 1969. Na noite da chegada, por ironia do destino, fomos juntamente com o João e Zeno filho do Agnelo, assistir o filme “Coração de Luto”.

No outro dia, fui matar a curiosidade, conhecendo pessoas, suas origens, atividades econômicas, falei com o sub-prefeito, enfim, procuramos ter conhecimento deste novo lugar. O povo dali era formado, na sua maioria, por nortistas e nordestinos. Falando com a Juliana e a Judite, filhas do Seu Agnelo, comentavam da falta de



professores e a situação precária das escolas. Fui visitar e, realmente, as construções eram de uma pobreza incomum, por se tratar de estabelecimentos de ensino. Mesmo assim me interessei e fui saber da possibilidade de vagas e a possibilidade de trocar São Miguel por Ouro Verde. Pela minha curiosidade e expectativa de uma nova vida aceitei lecionar em Ouro Verde. Me foram disponibilizados dois turnos da quarta série, com o horário de seis horas corridas: das oito da manhã até as duas da tarde. Assim comecei a minha aventura, sem experiência, contando com a boa vontade e com o que estava no sangue. Assim confirmado, pedi para ficar na pensão e eles aceitaram e acertamos. Fui em casa, na Divisa, buscar o restante dos meus pertences. Passei o natal e o ano novo, me despedi dos familiares, dos amigos, da namorada e voltei para o Paraná.

Logo fui me adaptando. Minhas atitudes em sala eram severas e não me arrependo. Pouco tempo como professor, pois o salário era pouco e atrasava. Foi ficando difícil, então resolvi trabalhar na Cooperativa, mas também não deu certo. Fui, então, trabalhar no banco, também não gostei. Fui na empresa do meu amigo Antelmo. Fomos a Dourados-MS, não me adaptei ao clima. Voltando para Ouro Verde, fiz o teste do Banco Bamerindus e nesse mesmo período, o colégio La Salle, que havia implantado uma extensão, me solicitou para assumir a coordenação noturna.

Em 1974 me formei em Contabilidade e em 1976 ainda bancário e coordenador resolvi dar uma cabeçada. Abandonei tudo. Me candidatei a vereador de Ouro Verde. Tomei pau, fiquei desempregado. A cooperativa ampliou suas atividades, abrindo vaga para escriturário. Fiz o teste e passei. Assumi e em dois anos fui promovido a supervisor da unidade em Ouro Verde, depois fui transferido para Luz Marina, Bragantina, Nova Santa Rosa, de lá saindo após oito anos. Fui trabalhar, também, em Marechal



Cândido Rondon, ficando apenas um ano e meio. Nesse tempo Ouro Verde se emancipou, resolvi retornar. Levei sorte, eu com mais onze amigos ganhamos na sena. Me candidatei a vereador e venci. Após três anos de mandato, fui trabalhar na Prefeitura de Ouro Verde. Em seguida fui trabalhar como assessor na câmara e, após dois anos, assumi como secretário geral, permanecendo até junho de 2013. Resolvemos vender em Ouro Verde e construímos em Toledo, onde estamos vivendo tranquilos.

Vou dar, também, umas pinceladas em minhas paixões. Quando vim ao Paraná, deixei minha namorada, sabendo que não podia dar certo. Aos poucos fui me envolvendo com as garotas daqui. Quando minha namorada soube, veio me pedir satisfação. Cheguei à conclusão de que era melhor terminar. Solto na parada, comecei a paquerar. Namorei uma garota e noivei com ela. Fiz curso de noivo, mas devido a certas atitudes, resolvemos nos separar.

Certo dia vi uma moça madura, de família boa. Resolvi me aproximar, namoramos pouco tempo e casamos. Casei no civil em Ouro Verde e no religioso em Passo Fundo. Não tivemos filhos. Resolvemos adotar, então, a Franciane, mas as diferenças foram aparecendo e ela resolveu sair de casa. Pouco tempo depois, veio a Nathiely e até hoje convivemos muito bem. No ano de 2013, passei por cirurgias bastante complicadas. Graças a Deus e aos bons cuidados, superei e hoje vivo na maior tranquilidade, com uma aposentadoria suficiente para sobreviver.

### **Antônio Both na família Fernandes, segundo Nozor, irmão de Elzy.**

Era o ano de 1975 quando nossa família, os Fernandes,





chegaram em Ouro Verde do Oeste, então distrito de Toledo, vindos de Ecoporanga no Espírito Santo.

Nossos pais, Nazareno e Aracy, venderam o sítio lá e compraram uma pequena cerealista em Ouro Verde, aí se estabeleceram juntamente com seus nove filhos.

Com o passar do tempo alguns de nós, querendo voar e se aventurar, foram tentar a vida na grande São Paulo. Algum tempo depois, nossa irmã Elzy, que seria a futura esposa do Antônio, também se juntou a nós.

Ficamos em torno de dois anos lá e, após isso, retornamos para Ouro Verde. É aí que o Antônio entra na história.

Professor, muito bem visto na cidade, inclusive deu aulas pra nós, participante ativo na comunidade, na vida acadêmica, religiosa e social, não foi difícil encantar a nossa irmã Elzy.

Iniciaram o namoro e a família toda ficou muito contente com essa aproximação. Foi a melhor coisa que podia ter acontecido na vida da nossa irmã.

Em pouco tempo, se casaram no Rio Grande do Sul, no religioso, junto dos familiares do Antônio. Se casaram, no civil, em Ouro Verde junto à nossa família.

Passaram-se mais de três décadas e a cada dia vemos como é importante a presença do Antônio em nossa família.

Nos momentos bons é parceiro de festas e, nos momentos ruins, é nosso apoio.

Ganhamos um irmão, um companheiro, alguém com quem se pode sempre contar.



Antônio é uma pessoa de caráter a toda prova: humilde, franco, com capacidade e conhecimento suficientes para vencer as barreiras e os obstáculos que a vida impõe, procurando passar isso a todos que estão à sua volta.

Por tudo isso, nós só temos a agradecer por ter entrado na nossa família. Ela não seria a mesma sem o Antônio Both.

### **Elzy fala de Antônio**

Nós nos conhecemos em agosto de 1980. Soube que ele estava interessado em mim. Procurei, então, saber quem era o Both. Fora noivo. Já havia feito o curso para casar, casa montada, tudo pronto, mas por algum motivo terminou o noivado.

Foi aí que começou a nossa história. Quando falei para a minha mãe, ela disse que já o conhecia desde as reuniões na escola, onde os meus irmãos estudavam. O Both (como era chamado) era o diretor do colégio na época.

Nós nos casamos em Ouro Verde do Oeste-PR no dia em 09 de Fevereiro 1981.

Meus pais e meus irmãos sempre tiveram um carinho muito grande pelo Antônio.

Ele estava sempre presente em todos os momentos felizes ou aqueles mais difíceis. Foi assim quando seis anos atrás os meus pais vieram morar conosco: os dois com problemas de saúde. Depois de três anos minha mãe faleceu e, meu pai, dois meses depois.



O Antônio é companheiro em todas as horas. Sempre pude e posso contar com ele, somos felizes. Tivemos duas filhas do coração: Franciane, e a Nathiely, a mais nova, que continua morando conosco.

Acho que conseguimos fazer o papel de pais.

Antônio é uma pessoa honesta, por isso várias pessoas, assim como eu, o admiram. Ainda mais: é um ser humano incrível, competente, esforçado, batalhador, justo, meio bravo às vezes, mas logo ele se acalma, rsrs.

### **Nathiely fala do pai:**

Eu tenho o melhor pai que poderia imaginar, não de sangue, mas sim de coração. Ele está sempre presente. Me dá os melhores conselhos, briga comigo, mas depois me faz entender que é para o meu bem.

Agradeço a Deus todos os dias por ter esse pai e essa mãe, maravilhosos. Agradeço por tudo que sempre fizeram e ainda vão fazer por mim.

### **Agora, Toni, minhas poucas palavras:**

Meus irmãos teriam muito mais a dizer do que eu. Antônio tinha seis anos quando fui ao seminário. Somente nas férias convivia com ele. A minha alegria foi de saber que ele não mais sofria da asma com a mesma intensidade. Lembro-o posto sobre



duas cadeiras, tentando respirar. Um sufoco pra ele e para os irmãos que não sabiam o que fazer.

Lembro-o geralmente alegre, mas quando embrabecia sai da frente. Fecharam ele no galinheiro quando foi recolher os ovos. O pior: por brincadeira, espiavam pela fresta. Não teve dúvidas, o enfurecido Antônio fincou uma lasca de taquara no rosto do curioso. Foi aquele alvoroço. Pois bem, por aí se vê que a ternura e a raiva não se distanciam muito. Foi apenas um detalhe. Sobretudo levava comigo uma saudade do Antônio e do Carlos nos anos de 54-62. Não vi eles crescerem.

Por coincidência eu estava saindo do seminário em 1969, quando soube: o Antônio está indo morar no Paraná. Estranhei sua grande coragem. Sabia de seus vínculos fortes com a Divisa e a sua casa. Pensei com meus botões sobre ele e sobre mim mesmo tomando semelhantes decisões. Como ele, eu também rompi com a vida que levava até então, Antônio indo ao Paraná e eu para Rio de Janeiro. Cada qual buscando sua vida com novos horizontes.

Aqui meto meu nariz, Toni. Ao romper com a vida de seminarista, fui pro Rio de Janeiro realizar meu mestrado, 1970. Em 1971 conheci a Solange e em maio de 72 casamos. No dia 6 de novembro de 1974 nascia a Fernanda. A Tatiana veio no dia 18 de novembro de 1977. Acho que as três emoções maiores de minha vida foram o casamento e o nascimento de minhas duas pequenas. Hoje, 13 de novembro de 2014, continuo achando que minha vida se desdobrou com o casamento, tendo a certeza que casar é o mesmo que sentir a vida a dois, duplicando a alma da gente. A Fernanda casou com Leonardo e desse casamento nasceu o Henrique que está com 22 anos. Mais tarde, desfeito o casamento, ela se uniu ao Eduardo. Em 2012 nasceu a Lorena. Assim eu fico avô de 20 em 20 anos. A Tatiana casou com Carlos Eduardo. Ela ainda não teve



criança.

Ainda que distantes, nós nos encontrávamos algumas vezes em Santo Cristo. Telefonemas entre irmãos eram frequentes. A gente ia se inteirando da irmandade por conversas trocadas. Fui visitá-lo uma vez em Nova Santa Rosa, no Paraná.

Em 1980 recebi, tarde da noite, um telefonema. Antônio angustiado... “Quero casar, mas não sei se vocês vão concordar.” Brinquei: “É com uma mulher?” “Tá me estranhando?” Respondeu. “Ela não é católica!”, falou sério. “E daí?”, falei. Ele insistia pra ver se não havia nada em contrário. Estava tenso. Mais o animava a se casar com quem estava amando. Cheguei a sentar no chão do corredor do apartamento de tanto animá-lo e a dizer que a vida era dele. O que contava é que a escolha o tornasse um homem contente. A conversa continuou assim por mais de hora. Disse-lhe: “O que conta é a pessoa.” A religião por si mesma, não torna ninguém melhor ou pior. Conversa vai, conversa vem. Propus a ele que viesse a Passo Fundo e casasse aqui. Pois bem: assim aconteceu em janeiro de 1981. Fizemos uma cerimônia agradável na Catedral. Passamos alguns dias juntos. Valeu pelo tempo que não nos encontrávamos. Amamos a Elzy de coração. Havia um urso muito grande no quarto das núpcias de meu irmão. Até o urso participou da alegria de Antônio e de Elzy.

Parece, de fato, que a distância não nos afasta. Pena é que a vida tem certas exigências, pondo lonjuras entre nós. Desejo que teu coração e o de Elzy andem bem. E cabe bem em ti o que dizia a única carta que nossa mãe me escreveu: é preciso andar enquanto bate esse velho coração. Acho que o dela tinha apenas 55 quando me enviou a carta. O meu e o teu andam meio quebrados, mas pouco importa, vamos andando. Espero que a nossa alegria não se perca por nada nesse mundo. Acabei de matar um câncer antes



que me matasse. Paz e amor, mano!

Venha me fazer uma visita... O urso já faleceu, mas o quarto e toda a casa esperam você e a Elzy.

*Buenas...* pra terminar!

Antônio, se você olhar pra cima dos escritos feitos, acho que dá pra ver o quanto foi bom e duro pelear, cada um buscando uma vida digna. Aprendemos entre as austeridades recorrentes. Parece verdade que em nossa tradição caseira vivemos uma vida de poucas facilidades. Acho que conseguimos nos tornar homens e mulheres confiáveis. Se olhar bem, acho que se ficamos assim foi pra superar as tentações da maldade do primeiro capítulo e nos aproximar do segundo. Não nos faltaram as virtudes necessárias. Não comemos o pão de graça. Amamos da melhor maneira possível.



## APROXIMANDO OS TEXTOS

No primeiro capítulo configura-se uma realidade humana pela qual é vista a complexidade humana e os seus perigos. Pode ser assustador o quadro humano quando se revela a inclinação humana para o mal. Esta face humana não é própria somente de alguns cheios de tentações irresistíveis. É a face interna de todos. Depende somente das circunstâncias, do teor da natureza e da educação, as quais podem mover para o bem ou para o mal. Os vícios podem piorar o quadro humano ou as virtudes torná-lo mais interessante. A barbárie não é própria desta ou daquela nação ou desta ou daquela pessoa. Se olharmos com honestidade para violência praticada, causa espanto o que vemos. Em obediência ao Tratado de Madri os indígenas foram feitos vítimas de estúrdias violências. Assim as famílias podem repetir patologias como aquela de Três Passos: basta falhar a proteção educacional no que concerne à formação de hábitos.

No segundo capítulo, mostrou-se a grandeza humana e as possibilidades da solidariedade, do controle e da beleza. Mostrou-se também o nível de exigências para abastecer a alma humana de bondade e do domínio das inclinações primárias. Se assim não for, facilmente desmancha-se a ética pessoal e social.

O terceiro capítulo esclarece melhor o quanto custa e o quanto é possível estender-se a vida de maneira boa. Mesmo assim, se mostram o limite e a gravidade dos momentos. Meus irmãos pelejaram para que os filhos tivessem uma direção semelhante às tradições das comunidades imigrantes. Buscaram e ainda buscam repetir o aprendizado de uma ética cristã, pautada na reciprocidade. Por fim, me sinto mais irmão e mais contente por carregar minha gente, tornando-me mais forte.





Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Era isso mesmo, em primeiro lugar, é preciso ser confiável, pois meus pais sabiam sobre a tentação humana de ser volúvel. Meus irmãos e eu aprendemos sobre as tentações da perversidade. Não tivemos a ternura, tão densa hoje, mas nenhum de nós pode se queixar de não ter força para ser feliz. Aprendemos a tomar uma direção generosa e solidária. Não somos melhores, apenas tentamos seguir o que a maioria das pessoas de nosso tempo acreditava: a importância de algumas virtudes, sem as quais ficaríamos à deriva. As histórias de meus irmãos mostram que a vida tem sentido; o caminho se faz pela solidariedade e pela responsabilidade para com a casa e com a comunidade.

O livro é uma narrativa de uma família de origem imigrante. Mostra o perfil educacional, no qual os princípios valiam mais do que gestos de ternura. Para introduzir a história dos sete irmãos o autor faz duas reflexões, sobre o bem e sobre o mal. Ao final, os capítulos se aproximam mostrando a unidade, que transparece no decorrer das partes.

○ autor.

